

SESSÕES DO PLENÁRIO

26ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 11 de agosto 2022.

PRESIDENTE: DEPUTADO ADOLFO MENEZES

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial de outorga da Comenda Dois de Julho ao ex-deputado federal Celso Loula Dourado, nos termos da Resolução nº 1.990/2020, proposta pelo deputado Jacó Lula da Silva.

Convido para compor a Mesa: o Sr. Deputado Jacó Lula da Silva, proponente desta sessão especial; o Sr. Coronel PM Coutinho, comandante-geral da Polícia Militar, que neste ato representa o governador Rui Costa; o Sr. Desembargador Livaldo Britto, que neste ato representa o presidente do Tribunal de Justiça da Bahia, desembargador Nilson Soares Castelo Branco; o Sr. Paulo Marcelo de Santana Costa, procurador-geral de Justiça adjunto, que neste ato representa a procuradora-geral da Justiça da Bahia, Norma Angélica Cavalcanti; o Sr. Luiz Augusto Reis de Azevedo Coutinho, conselheiro do Conselho Federal da OAB; o Sr. Pedro Rogério Godinho, desembargador eleitoral do TRE; o Sr. Luiz Humberto Castro de Freitas, chefe de gabinete, que neste ato representa o presidente do Tribunal de Contas dos Municípios, conselheiro Plínio Carneiro; o Sr. Elmo Vaz Bastos de Matos, prefeito da cidade de Irecê; o Sr. Roberto Muniz, amigo e ex-colega, ex-senador da República e representante de todos os ex-alunos do homenageado; o Sr. Vilebaldo José de Freitas Pereira, juiz de Direito e ex-aluno do homenageado, meu conterrâneo e amigo; o Sr. Wellington César Lima e Silva, procurador de Justiça, ex-procurador-geral de Justiça da Bahia e ex-ministro da Justiça; a Sr.^a Pastora Sônia Mota, diretora executiva da Cese; Sr. Lindemberg Alves de Matos, diretor do Colégio Presbiteriano Augusto Galvão. (Palmas)

Solicito ao Cerimonial, ao deputado Jacó, proponente da sessão, e à deputada Fátima para conduzirem a este recinto o homenageado, pastor Celso Loula Dourado.

(O homenageado é conduzido ao Plenário.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Convido a todos para ouvirmos a execução do Hino Nacional.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Convido o deputado federal Josias Gomes para compor a Mesa. (Palmas)

Senhores e senhoras, de tantas sessões que eu já presidi, peço um pouco de desculpa porque estou tentando segurar aqui a emoção pela homenagem e por lembrar

que meu pai fez parte de um pouco dessa história que nós vamos ver. E eu aqui pensando que, se ele estivesse entre nós, teria a satisfação de ter um filho, lá de Campo Formoso, de uma família simples que, hoje, está aqui presidindo o Poder Legislativo da Bahia. Mas tenho certeza absoluta de que, onde ele estiver, ele está alegre. Vamos tentar ver se eu consigo, reverendo Celso, chegar ao final, eu presidindo tão importante ou uma das mais importantes sessões, uma das mais justas homenagens, de tantas que esta Casa concede.

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Concedo a palavra ao proponente da sessão, deputado Jacó Lula da Silva. (Palmas)

O Sr. JACÓ LULA DA SILVA: Sr. Presidente, eu confesso que a emoção toma conta de todos nós, neste momento. E eu gostaria de dizer a todas as pessoas que estão aqui que o nosso mandato, reverendo Celso, foi conquistado pelo conjunto de movimentos e grupos organizados do estado da Bahia, agricultores familiares, quilombolas, sem-teto, LGBTQIA+, religiões de matriz africana, sindicalistas, os nossos indígenas, os nossos quilombolas, movimento negro e um conjunto de movimentos aqui da Bahia.

E, neste momento, reverendo Celso, os movimentos sociais da Bahia se sentem honrados e orgulhosos pelo presente que nós ganhamos que foi a oportunidade de lhe presentear, de reconhecer, neste espaço de poder que é esta Casa do Povo, na Assembleia Legislativa da Bahia, com esta Comenda Dois de Julho, a maior honraria que esta Casa entrega. Para nós, é uma alegria e uma satisfação muito grande. Gostaria de pedir uma salva de palmas para o reverendo Celso, pelo presente que ele nos dá pela sua vida, pela sua existência. (Palmas)

Gostaria de saudar, inicialmente, os filhos e filhas: Marília, Ricardo – muito obrigado por tudo, meu irmão –, Eneida, Mabel, Juliana, Neuza. Em nome de vocês, da sua esposa, eu saúdo todos os familiares e todas as pessoas aqui presentes. Eu gostaria também de render, João Romão, vereador de João Dourado, todas as nossas homenagens, todas, a todos vocês, uma geração que entregou sua vida na resistência pela conquista da redemocratização deste país. E eu quero aqui saudar todos e todas essas lideranças que nós reverenciamos, em nome da companheira Eliana Rolemberg. (Palmas) Essa mulher por quem tenho uma admiração, um respeito e um carinho muito grande. Eliana, muito obrigado pela sua presença.

Caros senhores e senhoras, permitam-me a economia de saudar toda a Mesa, saudar o nosso presidente, saudar o reverendo Celso e saudar o nosso governador, na figura do comandante coronel Paulo Coutinho e o prefeito Elmo. (Palmas) Inclusive, ontem, eu liguei para o governador falando que era importante que ele mandasse uma representação e ele mandou uma representação extraordinária. Muito obrigado, comandante, pela sua presença.

(Lê) “O sentimento que me traz aqui nesta manhã é uma mistura de orgulho, honra e alegria. Porque hoje é um dia especial, dia de reverenciarmos a figura íntegra e iluminada do pai, educador, professor, agricultor, reverendo e político Celso Loula Dourado. E permitam-me voltar ao ano de 2019, quando eu iniciava meu mandato nesta

Casa, e recebi das mãos de Dr. Celso...” – e do seu filho Ricardo – “(...) o convite para a sua homenagem com o Título de Cidadão de Salvador, na câmara municipal.

A outorga da Comenda Dois de Julho, a honraria máxima que a Assembleia Legislativa da Bahia lhe concede nesta data, meu amigo, é um reconhecimento por tudo que o senhor representa, que a sua vida representa para a nossa gente, mas também tem um sentido de reparação. Irecê, como todos sabem, é o território de minha origem e identidade, e nós aproveitamos este espaço para homenagear as personalidades do Semiárido.”

E eu queria dizer da minha alegria, mais uma vez, como homem do Semiárido, de ter a honra e a alegria de homenagear uma personalidade do Semiárido baiano como o senhor, Dr. Celso. É uma alegria e uma emoção muito grande, não tenha a menor dúvida disso.

(Lê) “A história de vida de Dr. Celso, um espírito jovem de 90 anos, é um exemplo de luta para nós que podemos conviver no seu tempo. Ele sempre foi uma figura destacada, mas não poderia deixar de ressaltar o papel que exerceu na defesa intransigente da nossa democracia, tão nova e tão achincalhada. Enfrentou o regime militar no período mais difícil, lutou pela redemocratização do país, protegeu lideranças de esquerda.”

Aqui, eu queria fazer um parêntese, porque para a juventude e para as pessoas de meia-idade, o que Dr. Celso fez, minha gente, aqui na Bahia e no Brasil, na luta pela redemocratização do nosso país, não foi pouca coisa. Esse homem tem uma coragem desconhecida porque, aqui na Bahia, o 2 de Julho era referência para todos os movimentos. (Palmas) Quem foi, aqui na Bahia, que deu guarita para homenagear Luís Carlos Prestes? Aonde ele foi recebido? Enfrentou, inclusive, os militares que queriam intimidar, enfrentou o Exército brasileiro, enfrentou a ditadura, manteve o seu posicionamento firme e garantiu que o 2 de Julho fosse uma trincheira de resistência e de luta pela redemocratização do nosso país.

Então, queria dizer da nossa alegria e da nossa emoção.

(Lê) “Sou o que sou porque sou desse chão. Saí de lá para estudar porque não tinha escola. Voltei para a Bahia porque meu compromisso era aqui’. Essa é uma autodefinição de Celso Loula Dourado, nascido na Fazenda Canal, atualmente município de João Dourado. Hoje, basta clicar no Google para se conseguir a biografia mínima de uma figura pública. Mas gostaria de pontuar alguns momentos que considero marcantes na vida desse grande baiano que, segundo ele mesmo, ajudaram-no a ser o que é.

Aos 13 anos de idade, ante as adversidades para seguir sua formação escolar e inquestionável vocação religiosa, o filho de Seu Ademar e D. Teonília precisou migrar para o estado de São Paulo. Sozinho, distante de tudo e de todos, permaneceu ali por 12 anos, estudando e trabalhando para o próprio sustento.” Isso com 12, 13 anos de idade. Esse é o cara!

(Lê) “No Educandário José Manoel da Conceição, em São Paulo, e, mais tarde, nos seminários presbiterianos de Campinas, em São Paulo, e de Princeton, nos Estados Unidos, fortaleceu e solidificou o compromisso com a educação e a fé cristã. Com seu

conhecimento e eloquência, Dr. Celso nos ensina que a Bíblia descreve todas as realidades humanas, daquilo que é mais sublime à mais baixa degradação.

De volta à Bahia, ele irá se dividir em diversas atividades: diretor do Colégio Augusto Galvão, em Campo Formoso...” E aí, meu presidente, eu entendo a sua emoção, o seu sentimento, a sua gratidão, porque Dr. Celso veio do seu colégio, da sua terra, conheceu o seu pai, a sua família e o povo daquela terra conheceu de perto essa grande figura.

Cadê aqui?... me perdi... cadê? Bom...

(Lê) “De volta à Bahia, ele irá se dividir em várias atividades: diretor do Colégio Augusto Galvão...” – Isso aqui! – “(...) em Campo Formoso, pastor e líder religioso da Igreja Presbiteriana do Brasil, assim como agricultor e produtor rural. Também, em Campo Formoso, elege-se vereador pelo antigo Partido Trabalhista Brasileiro - PTB. Em 1968, ‘o ano que não acabou’, chega a Salvador.

Na capital do estado, o professor e teólogo Celso Dourado destacou-se à frente do Colégio 2 de Julho, reconhecido como um singular educador evangélico progressista, que marcou a vida e a formação de muitos pela grande capacidade com que exercia suas funções, voltadas a despertar e desenvolver as vocações e potenciais dos alunos, professores e funcionários num ambiente caracterizado pela dedicação, disciplina e entusiasmo, pelo aprendizado dinâmico e autêntico e pela convivência fraterna e plural.

O período em que dirige o tradicional colégio coincide com o horror e o auge da ditadura militar, com a promulgação do AI-5, censurando os jovens, os comportamentos, a cultura e restringindo as liberdades individuais e políticas no Brasil. A escola, como um contraponto a esse ambiente hostil, funcionou como espaço de resistência e proteção, onde os perseguidos e diferentes se faziam aceitos.

O líder humanista abriu as portas do 2 de Julho para a realização das comemorações do 1º de maio, Dia do Trabalhador, e do Congresso Nacional da Anistia, em 1979, ocasião na qual, para muitos, foi a primeira chance de se manifestar em público após a volta do exílio. E um dos oradores era o comunista Luís Carlos Prestes. Vale aqui também destacar que Celso Dourado exercia a sua influência e militância ao participar de entidades como a Coordenadoria Ecumênica de Serviço - Cese, duramente perseguida pelo regime militar, figurando como o único fundador vivo dessa relevante instituição. Também presidiu a Condepaz e teve atuação efetiva no grupo Tortura Nunca Mais - núcleo Bahia.”

Aqui, Dr. Celso, eu queria registrar e destacar a atuação da Cese, Coordenadoria Ecumênica de Serviço, aqui no nosso estado e no nosso Brasil. Um trabalho de referência, um trabalho humanista, um trabalho que merece todas as nossas homenagens e reconhecimento. E, por isso, mais uma vez, eu saúdo a minha amiga Eliana Rolemberg, em nome da nova presidenta da Cese. Me permita, é porque eu tenho um carinho, um amor e uma reverência tão grande por essa mulher, porque eu sou apaixonado por ela, (palmas) por tudo que ela representa na minha vida. (Palmas)

(Lê) “Mesmo sofrendo fortes ameaças, o professor Celso Dourado recebia em sua casa perseguidos políticos, posteriormente dados como mortos ou desaparecidos

pela ditadura, dentre eles o líder católico conhecido como Jorge Carola e o deputado cassado Paulo Wright, da Igreja Presbiteriana do Brasil.” (Palmas)

Esse homem era de uma coragem desconhecida, porque esse fato que eu estou relatando aqui, naquela época, gente, e vocês que estão nos escutando em casa, muita gente hoje que não valoriza a democracia, que acha que atacar a democracia brasileira é uma coisa fácil, é porque as pessoas, parece, que esqueceram de ler a história brasileira. Ninguém sabe o que esse homem e a sua geração sofreram. Para se fazer um encontro era ameaçado pelo Exército brasileiro. Quem era que tinha a coragem de Dr. Celso? Esse homem representou, fez um gesto de resistência extraordinária. O nosso país e a Bahia vivem esse ambiente e devem muito à atuação do Dr. Celso. Eu não tenho a menor dúvida.

(Lê) “Após o fim do regime ditatorial, elegeu-se deputado federal em 1986, tendo destacada atuação na Assembleia Nacional Constituinte. Fez parte da subcomissão do Poder Legislativo, da Comissão da Organização dos Poderes e Sistema de Governo e da Comissão de Sistematização, oportunidade em que visitou todos os estados do Nordeste e conheceu a fundo os problemas do Semiárido e do nosso querido Rio São Francisco, já naquela época ameaçado pela degradação, pelos agrotóxicos e pelo assoreamento. Cuidar e preservar esse rio, Dr. Celso, reconhecemos, é um desafio e um compromisso de todos nós...” – e que nós temos aqui no nosso mandato.

“(...) Nosso amigo Celso Dourado retomou suas atividades em Salvador após o exercício desse mandato parlamentar e, depois de alguns anos, regressou à sua terra natal, assumindo durante um período o cargo de secretário municipal de Educação, em Irecê. Também retoma suas atividades de agricultor, ao lado da sua companheira, a professora e educadora Neuza Amélia Régis Dourado.” Para a qual eu peço uma salva de palmas e um reconhecimento para essa grande figura. (Palmas)

(Lê) “Estamos convencidos, neste 11 de agosto de 2022, de que a Comenda Dois de Julho está sendo entregue a um lutador, alguém que conjuga a rara sabedoria ao poder da palavra e da ação, que muito nos orgulha e representa ao falar de liberdade e democracia, que conhece o sofrimento do povo e demonstra indignação com as injustiças sociais que nos rodeiam. Essa vocação tão preciosa e necessária fazemos questão de louvar.”

Parabéns, reverendo Celso Loula Dourado, em nome do povo da Bahia!

Muito obrigado pela oportunidade. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Esta sessão não vai ser igual às outras, reverendo Celso, em deferência ao senhor. Nós vamos mudar um pouco o protocolo da Casa, o que não é comum. Então, nós vamos dar oportunidade para várias pessoas falarem. Por isso eu peço que se atenham um pouco à questão do tempo, até porque são vários oradores, para que não fique um pouco cansativo. São muitos oradores, coisa que não é comum nessas sessões, mas é em homenagem ao senhor.

Passo a palavra ao cientista político, Dr. Joviniano Neto. (Palmas)

Aproveito para convidar o presidente da Câmara de Salvador e candidato a vice-governador do estado Geraldo Júnior. (Palmas) Eu vou determinar cortar o ponto por ele ter chegado atrasado, (risos) mas como eu imagino que está em campanha, vai ser abonado o seu ponto hoje, viu, Geraldinho? Você está em campanha e vai ser perdoado hoje.

Com a palavra o Dr. Joviniano Neto.

O Sr. JOVINIANO SOARES DE CARVALHO NETO: Sr. Presidente; deputado Jacó; Celso Dourado e sua família de sangue e de coração, que somos nós todos aqui.

(Lê) “A concessão da medalha Dois de Julho para o pastor Celso Dourado torna este 11 de agosto um dia ainda mais especial.

Dia 11 de agosto, por si só, é data significativa: Dia do Estudante, Dia do Advogado, Dia do Magistrado e Dia da UNE.

Este 11 de agosto de 2022 é dia de manifestações, em todo o Brasil, em defesa da democracia e do Estado democrático de direito.” (Palmas) “Iniciando com a leitura de manifesto aos brasileiros, na linha do lançado em 1977, que foi importante para derrubar a Ditadura Militar, o de hoje enfrenta um presidente que tem saudades da Ditadura Militar e homenageou a tortura.

Amanhã, dia 12 de agosto, é o Dia Nacional dos Direitos Humanos. Para nós, não haveria melhor modo de os deputados, que representam o povo baiano, relembrem a luta contra a ditadura, defenderem o Estado democrático de direito e os direitos humanos do que homenagear o pastor Celso Dourado.

Obrigado, deputado Jacó Lula da Silva. Obrigado, deputados que aprovaram este dia.

Afirmo que, ao conceder a medalha Dois de Julho ao pastor Celso, a Bahia está homenageando um herói, um profeta, um justo.” (Palmas)

“É um elogio. Mas é o melhor dos elogios, porque é apoiado em fatos reais, comprováveis, que podemos sustentar no juízo da história.

Herói: da coragem de herói, lembramos da reação imediata ao Golpe Militar de 64. Em Campo Formoso, a coragem e a clareza do testemunho que fizeram um coronel desistir de prendê-lo, em 1964; a visita a presos políticos; o apoio a ações da oposição; o acolhimento de ‘subversivos’.

Em Salvador, a participação na denúncia de agressões da ditadura; o apoio aos oposicionistas clandestinos, com alimentação, espaço para reuniões.

Nessa história, um momento indelével na história do Brasil: a cessão do auditório do Colégio 2 de Julho para a abertura do II Congresso Nacional da Anistia, em novembro de 1979.”

Eu era presidente do Comitê Brasileiro de Anistia, núcleo da Bahia, hoje sou do Grupo Tortura Nunca Mais, que o continua. Claro, não foi o tempo inteiro não, viu? E era membro da Coordenação Nacional da Anistia.

(Lê) “Salvador, pela sua frente política ampla, era o local melhor para o congresso. Encontrar local amplo para abrir o congresso foi difícil. Havia fortes

interesses em terminar o movimento e aceitar a anistia limitada de Figueiredo. Mesmo com carta de apresentação do cardeal D. Avelar, os locais eram negados...” Nós procuramos cerca de 30. “(...) Não o maior, mas o mais corajoso foi o Colégio 2 de Julho. Celso, diretor, obteve licença do conselho do colégio, recebeu críticas e cartas com ameaças: ‘comunista’, ‘vermelho’, ‘vamos passar com a jamanta no seu corpo, partes maiores serão pegadas de pinça’. As pessoas podem ter esquecido o que era jamanta, o caminhão mais pesado da época. Nós nunca esqueceremos da importância de Celso na continuação da luta pela anistia ampla, geral e irrestrita.

Os conceitos de profeta e justo necessitam de esclarecimentos para os leigos.

Profeta não é quem prevê o futuro, ainda que, às vezes, possa apontar para um futuro desejado. Profeta é quem traz a mensagem que recebeu de Deus para aquele momento histórico. Como expressa a mensagem recebida diretamente, muitas vezes, cria ‘problemas’ e enfrenta resistência na sua instituição, sua igreja.”

Isso é uma marca dos profetas.

“Pastor Celso foi um dos profetas que defenderam o ecumenismo, o diálogo entre as igrejas cristãs, quando grande parte das igrejas evangélicas não apenas eram conservadoras, mas apoiavam a Ditadura Militar e combatiam o ecumenismo. A Igreja Presbiteriana do Brasil, em supremo concílio, em 1970, tentou abalar as vozes ecumênicas. Proibiu os seus pastores de participarem de cultos com os padres católicos romanos. A pena poderia chegar à destituição de pastores e à dissolução de sínodos locais.

Foi o que aconteceu com Celso e Josué Melo, acusados de participar de cerimônia ecumênica. Reunião convocada por igrejas evangélicas, membros do Conselho Mundial de Igrejas, da qual resultou, em 1973, na criação da Cese - Coordenadoria Ecumênica de Serviço, que reúne representantes de igrejas evangélicas e católica. Celso é um fundador da Cese...” – isso já foi colocado aqui – “(...) Os presbiterianos participantes foram processados e perseguidos. Seis pastores, um deles Celso, denunciaram o ‘terrorismo eclesiástico’.

O sínodo de Salvador foi dissolvido. Celso, presbiteriano de quatro gerações – com pai, avô e bisavô – foi expulso. A IPB tentou tomar posse do Colégio 2 de Julho. Em 1975, Celso e outros perseguidos criaram a IPU - Igreja Presbiteriana Unida. Hoje, a Cese continua atuando na defesa dos direitos humanos, com apoio a organizações populares, e a coordenadora da Cese é Sônia Mota”, pastora da Igreja Presbiteriana Unida.

(Lê) “Justo, no conceito do evangelho, é o homem que pauta sua vida nos mandamentos de Deus, que, a partir daí, procura viver em comunhão com Deus. O justo é uma vida testemunho. Testemunho da verdade, do acolhimento, do respeito ao outro, do seguimento de Jesus, que dá testemunho do amor a Deus, no amor ao próximo. O amor ao próximo é uma postura de serviço ao outro, não só nas necessidades materiais, mas, mais importante, no possibilitar que cada um realize suas potencialidades. Para que todos tenham vida, e vida plenamente.

Muitos de nós, principalmente os ex-alunos do Colégio 2 de Julho, dão testemunho de que, na época em que ele era diretor, o colégio era um espaço de ensino

de qualidade, liberdade, criatividade, florescimento. Enfim, na sua direção estava um justo. Muito poderia falar da ação do pastor Celso até hoje...” Mas, para sintetizar, “(...) continua no bom combate. A coragem para tomar posições, o profetismo que o fez transitar do trabalhismo para o socialismo, a vida de um justo. Pastor Celso, espero que essa medalha simbolize o reconhecimento dos baianos. Para nós, significa a honra de o conhecer.”

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Concedo a palavra à socióloga Eliana Rolemberg. (Palmas)

A Sr.^a ELIANA BELLINI ROLEMBERG: Bom dia a todas e todos.

Eu queria cumprimentar a Mesa nas figuras femininas, que são a deputada Fátima Nunes (palmas) e a atual coordenadora executiva da Cese, nossa diretora executiva Sônia Mota. (Palmas) Ainda dizer da minha emoção enorme, ao chegar aqui e encontrar o reverendo Áureo Bispo, que também está nessa batalha há muitos anos conosco. (Palmas) É muita emoção! E quero dar um abraço carinhoso em cada pessoa da família de Celso Dourado, em especial na querida Neuza, que eu também já tive a oportunidade de cumprimentar. (Palmas)

E minha gratidão ao deputado Jacó, que falou de mim, mas eu também tenho o que falar dele. Eu não me esqueço nunca de que ele teve uma relação muito importante com a Cese. Nós tivemos uma campanha chamada Primavera Para a Vida, lá, em pleno Campo Grande, com várias tendas, e uma delas era dedicada à questão das cisternas e sua importância para o Semiárido. E Jacó – me desculpe, não vou falar deputado –, que era um representante muito importante de projetos nessa área, teve uma capacidade tão grande de convencer sobre a importância das cisternas que, logo em seguida, o Serviço Social da Indústria, o Sesi, procurou a Cese para fazer um convênio e apoiar a construção de cisternas naquele ano. Não vou esquecer nunca, foi muito importante. (Palmas)

Bom, eu não posso também deixar de destacar a importância do nosso querido reverendo Celso como educador responsável pela formação de gerações. Nós temos aqui vários ex-alunos e ex-alunas do Colégio 2 de Julho que fizeram questão de comparecer nesta homenagem em reconhecimento ao seu trabalho. (Palmas)

Também quero falar da importância do reverendo Celso, deputado atuante. Nós tivemos muitas vezes a possibilidade de discutir sobre vários temas que dizem respeito à democracia, mas um deles era a questão agrária. Eu me lembro de várias vezes que nós tivemos essa possibilidade de discutir com o reverendo Áureo.

Mas eu quero falar mais detidamente de um sonho. Eu acredito que é um sonho do reverendo Áureo e a gente sabe que o sonho que se sonha junto se torna realidade. E esse sonho em que reverendo Áureo representava a IPU na fundação da Cese, junto de outras de outras igrejas evangélicas históricas e, pela primeira vez, com a participação da Igreja Católica, representada pela CNBB, foi um sonho de convivência com as diferenças e de afirmação de um ecumenismo de serviço. E foi possível. A Cese

foi criada, em 13 de julho de 1973, em pleno contexto de terror da ditadura, lançando uma cartilha com a declaração dos direitos humanos, com citações bíblicas e citações de documentos das igrejas. Afirmava-se a Coordenadoria Ecumênica de Serviço.

E é muito interessante, quando nós estamos aqui, lembrar de que na nossa memória não se apaga a figura de Enilson Rocha Souza, que foi o criador dessa ideia. (Palmas) Enilson continua nessa memória nossa, nessa história de luta pela afirmação dos direitos humanos, pela afirmação do ecumenismo e, como ele dizia, em ter a Cese como o vértice das relações entre igrejas, agências de cooperação ecumênicas e os movimentos populares. Nós não podemos esquecer. Infelizmente, não temos hoje a filha de Enilson, que deveria estar aqui, foi uma grande articuladora, junto com Ricardo, desse evento, mas ela caiu doente. É uma pena.

A Cese, certamente Sônia falará também, mas eu quero destacar a importância não só dessa afirmação dos direitos humanos, da luta por justiça e por democracia naquele contexto, mas também do que significou, em termos de mudanças, nas relações das igrejas. A maioria das igrejas tinham suas sedes no Sul do país e elas foram provocadas para virem ao Nordeste, não é? O Nordeste onde tinha a concentração de todas as questões de marginalidade e de violência e se instalam na Bahia. A Bahia servindo como ponte de relação no Brasil. Isso é muito importante.

Outro ponto fundamental foi afirmar que não é nos grandes projetos que está a capacidade de transformação da realidade. Por quê? Os governos e as igrejas tinham os seus grandes projetos, falavam de reforma agrária, mas com projetos tão grandes que os recursos, muitos dos recursos ficavam nas assessorias, nas camadas médias e não chegavam à população a quem se destinavam. A Cese instaura essa ideia do pequeno projeto e um pequeno projeto com a participação da população-alvo desse projeto. Isso foi muito importante. Pequenos projetos que transformam vidas. Então, eu queria assinalar que eu acho que você foi muito importante nessa fundação da Cese. É muito importante a gente ter essa alegria de homenagear um fundador da Cese que está vivo e entre nós, que comemorou o seu aniversário ontem e que está aqui, todo firme, muito bem, continuando essa luta.

Eu quero ainda, sei que devo falar pouco, dizer do Colégio 2 de Julho. Muitos anos depois a gente se encontrou no Colégio 2 de Julho, em um debate em que falávamos da anistia, como foi a luta no exterior e aqui, no Brasil. E falávamos especialmente do papel do reverendo Jaime Wright, que, juntamente com Dom Paulo Evaristo, foi responsável pelo *Brasil: nunca mais*, uma publicação que teve apoio do Conselho Mundial de Igrejas e que teve a importância que até hoje nós temos, de toda uma memória do que significou a ditadura militar no Brasil. Celso afirmava também que teve a possibilidade de conhecer o irmão de Jaime Wright, querido companheiro na época da Ação Popular, Paulo Wright, que foi vítima das torturas e é um dos desaparecidos políticos do nosso país.

Então, esses vários momentos da trajetória de Celso me fazem ter uma emoção muito grande. Tenho uma gratidão ao deputado Jacó por ter tido essa iniciativa e a felicidade de podermos estar aqui, hoje, com a família de Celso, com o reverendo Áureo Bispo. E que a gente possa seguir em frente na nossa luta pela afirmação da democracia tão necessária em nosso país.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Neste momento, assistiremos à apresentação musical de Juan e Ravena, com o hino *Porque ele vive*.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Concedo a palavra ao ex-deputado, conselheiro Zilton Rocha. (Palmas)

O Sr. ZILTON ROCHA: Sr. Presidente desta sessão, eu vou evitar qualquer nominata, porque a gente sabe que o tempo aqui é curto, mas nas pessoas da professora, educadora Neuza e dos filhos eu saúdo todos vocês. Uma saudação especial para o nosso homenageado.

Voltar sempre a uma tribuna onde você ficou durante 9 anos é uma satisfação. E, antes de qualquer coisa, eu gosto sempre de dizer que encontrei aqui muitos dos meus colegas professores, muitos dos meus ex-alunos, e eu sabia disso. Sabe o dia em que você sai de casa exultante, sabendo que vai viver grandes momentos de emoção, de alegria, de satisfação? Foi o que aconteceu comigo. Por isso que eu quero dizer que fiquei aqui graças aos professores, aos ex-alunos e aos amigos, porque foi dali que eu saí para poder chegar à Câmara, à Assembleia e ao Tribunal.

Cheguei a Salvador no ano de 1979, o ano da anistia, e tive o privilégio, meio por acaso, de o Colégio 2 de Julho estar precisando de um professor de Geografia e me indicaram que procurasse a coordenadora. Felizmente, tudo deu certo e eu fiquei por 20 anos. Foi a instituição onde eu permaneci por mais tempo aqui, nesta cidade.

E o outro privilégio foi conviver com o reverendo Celso, sempre – como dizia a minha mulher, que, se estivesse entre nós, estaria aqui, porque ela era uma fã especial dele –, lendo o jornal, sempre atualizado. Logo depois vem, já foi dito aqui, mas aquilo, para mim, foi marcante, a volta dos exilados. E quem abriu as portas para recebê-los foi o Colégio 2 de Julho.

Lembro-me de um estudante, meu conterrâneo lá de Nova Canaã, que quando ouvia falar os nomes das pessoas perguntava: “Esse é aquele que a gente já ouviu falar?” É, meu amigo, você está pegando a história com a mão aqui, você está ao vivo, vendo as pessoas ao vivo, voltando dessa trágica situação que a gente viveu durante tantos anos.

Veio depois o 1º de maio de 1979, que foi proibido no Campo Grande. E eis que é o Colégio 2 de Julho que abriga no seu campo de futebol aquele grande encontro que ninguém teve coragem de assumir. Foi lá também que Fábio, nosso representante aqui hoje, levou Dadá para os meninos conhecerem, uma figura ao vivo do enfrentamento que houve lá nas nossas caatingas. Foi lá que eu levei, está gravado, porque eu fiz um filme, um vídeo, os sem-terra para discutirem com os alunos o tema de que nós estávamos tratando naquela unidade. Estavam os sem-terra falando dentro do Colégio 2 de Julho, naquele auditório marcante.

Portanto, tenho o privilégio, Jacó, de poder fazer esse depoimento aqui. Estar nos Anais desta sessão é, para mim, muita satisfação.

Por último, quero dizer, como bem frisou Jacó, que nós precisamos recuperar a história. Todas as vezes que me chamam para qualquer coisa, principalmente com os jovens, eu digo: antes de tudo você tem que saber a origem das coisas, você tem que falar daquilo que você conhece. Eu fui, de primário, de ouvir dizer que o Brasil foi descoberto por acaso, foi porque faltou vento, e nós temos umas coisas assim muito ruins né? Porque nós fomos libertados pelo filho do rei que nós deveríamos ter expulsado. A República foi feita por acaso. Este país nunca teve um divisor de águas, claro, por isso é que ainda tem gente defendendo ditadura, o que na Argentina não é possível, no Chile não é possível, porque em lugares que fizeram a mudança pela raiz, passando a limpo, isso não acontece.

Vocês, jovens, precisam retomar essa preocupação com a história, não essa história contada pelo dominador, não essa história contada por quem tinha interesses a defender. Eduardo Galeano disse que se encontrou documentos de Espanha e Portugal proibindo usar verbos invadir, ocupar. Tinha que tapear os nativos, dizer que colonizava, que estava catequizando, mas estava escravizando e explorando, matando. Nós precisamos conhecer a história verdadeira deste país, deste continente. Se não for assim, nós não vamos saber nos conduzir.

Por último, dizer que no momento em que se diz que um brasileiro negro não serve nem para procriar é querer passar para o nosso povo que quem plantou cana, quem arrancou o ouro, quem plantou o café e o cacau foi o filho do coronel, a filha do coronel, mas quem fez este país foi o braço negro. Ou se vai nessa história profundamente ou nós ficamos sempre sendo como se fôssemos um povo incapaz de refletir, de questionar, de ir na raiz dos problemas.

Quero, para não demorar mais, senão o entusiasmo leva a gente a lembrar de tanta coisa, dizer: primeiro, reverendo Celso, um privilégio ter chegado ao 2 de Julho para ser dirigido por você enquanto professor daquela instituição; à professora Neuza, o privilégio de minha mulher também ter sido coordenadora junto com a senhora; aos filhos todos, um único homem, Ricardo, e essa plêiade de mulheres lindas das quais eu tive o privilégio de ser professor, e até hoje são minhas amigas, minhas queridas amigas; a todos vocês, meus colegas que eu encontrei; a todos os ex-alunos, das mais diversas profissões, que estamos aqui para honrar um homem que marca a história de Salvador, da Bahia e do Brasil e que não se curvou.

Muito obrigado. Parabéns, reverendo Celso. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Vamos ver algumas fotos da inauguração, da abertura do Colégio Augusto Galvão, naquela época com a presença de Anísio Teixeira, do governador Otávio Mangabeira, de Ulisses Gonçalves e outros.

(Procede-se à apresentação de vídeo.)

O Sr. ADOLFO MENEZES: Meus senhores, minhas senhoras, (Lê) “O Colégio Presbiteriano Augusto Galvão, em Campo Formoso, teve entre seus principais

dirigentes e colaboradores o ex-deputado Manoel Régis, o reverendo Eudaldo Silva Lima, o ex-prefeito Artur Régis, o reverendo Basílio Catalá de Castro, meu saudoso pai Pedro Gonzaga de Menezes, além do nosso homenageado, Celso Dourado.

O Colégio Augusto Galvão é fruto da máxima da Igreja Presbiteriana: 'ao lado da igreja construa-se uma escola'.

As escolas presbiterianas, que ficaram sendo conhecidas como "Escolas Americanas", sempre foram um espaço da pluralidade e da democracia, sem discriminação religiosa ou política.

Em Campo Formoso, a trajetória da Escola Americana se iniciou no ano de 1911.

Nessa época, João Francisco Régis pediu ao missionário Henry McCall que conseguisse uma professora para dar educação formal a seus filhos e aos filhos de seus parentes.

Assim nasceu a Escola Americana de Campo Formoso, na fazenda Alazão, situada a 80 km da sede do município. Nasceu como uma escola do campo, mudando-se para a sede de Campo Formoso na década de 1920, por conta da insegurança causada por cangaceiros na região.

Já na cidade, a escola enfrenta o desafio da intolerância religiosa. A comunidade presbiteriana tentou elevar a Escola Americana ao patamar de ginásio, mas teve que enfrentar resistência e perseguição dos padres católicos. O sonho da criação do ginásio só se concretizou na década de 1940.

Recebeu a denominação de Ginásio Augusto Galvão em virtude do falecimento do jovem presbítero Augusto de Oliveira Galvão, um dos idealizadores e doadores de recursos para a construção do ginásio, junto ao seu pai Alexandrino Galvão e seu tio Arthur Régis.

O Ginásio Augusto Galvão iniciou suas aulas em março de 1947, recebendo alunos de todo o Nordeste, passando a oferecer depois o regime de internato.

Na década de 1950, foi autorizada a implantação da educação infantil, sendo, então, criada a escola anexa Anísio Teixeira.

Na década de 1970, chegou a primeira professora com formação universitária: Lídice Vitoria Gomes, com o ginásio passando a se chamar Colégio Augusto Galvão.

Nos anos 2000, mudou mais uma vez sua nomenclatura, passando a se chamar Colégio Presbiteriano Augusto Galvão - honra e glória de nossa terra, Campo Formoso."

Antes de passar a palavra para o diretor da escola, faço, aqui, um pequeno comentário sobre os dias atuais, reverendo: como o Brasil mudou, e, infelizmente, para pior, principalmente na educação. A educação, hoje, vergonhosamente, em nosso Brasil, com exceções, virou comércio.

Olhe os homens que nós tínhamos naquela época, como o senhor e tantos. Claro que temos, hoje, ainda, mas olhe onde nós chegamos. A escola Augusto Galvão, que ainda é uma referência, hoje, na Bahia e lá em Campo Formoso, como a Igreja Presbiteriana.

No século 21, em que a medicina, que cuida da vida das pessoas, virou comércio. E eu digo sempre que você pode se formar em economia, administração, você pode errar e o prejuízo ser financeiro, mas na medicina um erro causa morte. E os homens públicos deste país, o Congresso deste país tem toda a culpa de tudo isso que está acontecendo, porque foram eles, claro, com minorias, mas a maioria é que aprova, foram eles que aprovaram esse absurdo de tratar o ensino médio como padaria, como bar, onde o que vale hoje não se pede, não se faz vestibular, não se tem currículo. O que se pede (palmas) é o avalista e a conta bancária. Para se estar matando irmãos e irmãs nossos em toda a Bahia. Claro que faculdades que se respeitam, como a Baiana e outras poucas, ainda nós temos aqui, na Bahia.

Essa é a realidade nua e crua do que esse Brasil está atravessando, onde em todas as cidades, ou quase todas, tem faculdade de medicina, sem a mínima condição de ensinar o ensino médio. E muitos desses alunos fazem o sacrifício, os pais vendem tudo para pagar a mensalidade de 12, 13, 14 mil reais. Quando os alunos se formam, na ansiedade de ter alguma coisa, de ter um carro, de ganhar dinheiro, vão para hospitais que também têm diretores que não ligam para a vida humana e colocam esses recém-formados, sem conhecimentos, para estarem atendendo e matando gente todos os dias.

Infelizmente, desculpem o desabafo, é a situação do nosso país, culpa do Congresso Nacional, culpa nossa, dos políticos desta terra. Os estaduais podem não se inserir tanto na culpa porque nós não temos o poder para fazer as leis maiores deste país, o que cabe aos deputados federais e senadores.

Meus amigos, desculpem o desabafo, mas é o que eu tenho feito, sempre que posso, nos meios de comunicação. Mas reverendo Celso, já dizia o saudoso homem público, que tanto faz falta ao país, Ulisses Guimarães... Quando lhe falaram: "Dr. Ulisses, esse Congresso Nacional é uma vergonha", doutor Ulisses disse: "Espere para ver o próximo". Pronto! Meus amigos, me desculpem o desabafo, falando da educação. (Palmas)

O que se vê hoje é a maioria dos deputados cuidando do "orçamento secreto". Ontem, todos viram na televisão, são mais de 30 bilhões, bilhões, mais do que em pesquisa, mais do que na saúde. Essa é a situação do nosso país hoje, os cérebros deste país indo embora, para outros países que valorizam a educação, a pesquisa colocada lá embaixo e o Brasil cada vez mais no patamar, que nos envergonha, dos últimos colocados perante as nações do mundo. Bom, me desculpem o desabafo, meus amigos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Neste momento, convido o diretor do Colégio Presbiteriano Augusto Galvão, professor Lindemberg Matos, para fazer uma oração, porque nós estamos precisando muito, o Brasil está precisando de muita oração. Em seguida, cantará o hino *Trindade Santíssima* e fará o seu pronunciamento.

O Sr. LINDEMBERGUE MATOS: Vamos fechar os olhos e você fica em pé um instantinho só, que você vai descansar, e a gente fala com Deus. Vamos fazer isso? Vamos ficar de pé?

(Procede-se à oração.)

(Procede-se à apresentação musical.)

O Sr. LINDEMBERGUE MATOS: Vamos nos sentar.

Para um professor, a coisa mais difícil é quando lhe é tolhida a oportunidade de falar. E professor não leva o discurso escrito, não dá para levar, porque nós clamamos ao Senhor, ao Deus soberano, aquele que nos ensina tudo, que nos dê a palavra.

Eu vou me dirigir ao reverendo Celso, porque isso é para ti, reverendo Celso. Aqui, o apóstolo Paulo escreveu na segunda pessoa do plural. Eu vou falar na segunda pessoa do singular, que é para o senhor: Tudo quanto fizeres, fazei-o de todo o teu coração como para o Senhor e não para homens. Ciente de que receberás do Senhor a recompensa da herança, a Cristo, o Senhor, é a quem estás servindo.

Ex.^{mo} Deputado Adolfo, presidente desta Casa; Ex.^{mos} Deputados; Il.^{mos} Componentes da Mesa, família, familiares, amigos, todos aqui, é uma alegria para nós representar o nosso Colégio Presbiteriano Augusto Galvão, que teve na sua composição, por alguns anos, o reverendo Celso como seu diretor.

Tive o prazer de pessoalmente conhecer o reverendo Celso em torno dos últimos 4 anos. Já o conhecia pelo nome há muito tempo. Antes, eu o conhecia de ouvir, agora, conheço de vê-lo. E depois de ouvir essas falas mencionando o nome do professor, pastor, reverendo Celso, eu não tenho mais do que falar, não dá pra falar mais nada, se eu tentar falar alguma coisa posso estragar.

Então, eu quero rogar ao Senhor que da sua infinita graça continue derramando sobre a pessoa de Celso Dourado, sobre a árvore familiar que ele e dona Neuza formaram, que essa descendência seja abençoada por Deus em todo o tempo, e por causa da graça de Deus revelada, e que o professor, pastor reverendo Celso, povo que está, aqui, ouvindo tudo isso, seja abençoado. E eu sou abençoado por isso. O Colégio Presbiteriano Augusto Galvão, na pessoa do seu diretor atual, Lindembergue Matos, tem a honra de poder registrar na sua história que esteve lá conosco, naquele colégio, e nas décadas de 50 e 60 teve lá como seu diretor o reverendo Celso. E a história é feita... Tem aqui alguns alunos e eu vou fazer, vou sair da cerimônia... Os ex-alunos do Colégio Presbiteriano Augusto Galvão que estão aqui, por favor, fiquem de pé por um instante, só para a gente perceber. Os ex-alunos, professores, funcionários que estiverem presentes (palmas) eu louvo a Deus pela vida de vocês, porque é por causa de vocês que o colégio está lá, hoje. Muito obrigado.

Podem assentar-se. Nesta minha fala está incluída, salvo engano, a execução do hino do colégio, estou certo, deputado?

O Sr. Jacó Lula da Silva: Sim.

O Sr. LINDEMBERGUE MATOS: Pronto. Então, o que nós vamos fazer? Eu trouxe a mídia do hino do colégio gravada, com três pessoas cantando, e nós vamos fazê-lo agora. Eu pedi que a mídia fosse colocada com a voz e a letra, porque os que estão aqui, que foram alunos do colégio, vão cantar conosco. Nós cantaríamos com um grupo, porém esse grupo não pôde se fazer presente por questões técnicas, profissionais, pessoais e até de saúde, mas os ex-alunos que estão aqui conhecem bem. A letra é do reverendo Eudaldo Silva Lima e a música é do... Me fugiu o nome agora,

me perdoem, eu não sou tão jovem assim e não trouxe por escrito, mas está ali na letra. Então, eu quero convidá-los a executarmos agora o hino do Colégio Presbiteriano Augusto Galvão, encerrando assim a minha fala, e agradecendo por esse privilégio de estar aqui, nesta Casa, nesta tribuna, como disse o Ex.^{mo} ex-Deputado também. E nós vamos fazê-lo agora.

Quero pedir para colocar a mídia do hino cantado, e nós vamos cantá-lo. Se puder colocar a letra para os alunos que estão aqui... Eu vou convidar os alunos para que se ponham de pé. As crianças do colégio, hoje, cantam esse hino com uma emoção tão grande que faz a gente verter lágrimas de emoção. Por favor, os alunos e ex-alunos presentes, por favor, fiquem de pé só por um instante e vamos cantar. Eu vou me atrever a cantar daqui.

(Procede-se à apresentação musical.)

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Antes de conceder a palavra a um dos alunos aqui presente, nosso amigo Geraldo Brito, queria saudar todos meus conterrâneos aqui presentes, que eu vejo: Soninha, Dona Pequena, o juiz Vilebaldo, aqui na Mesa, Ieda, Silvinho Régis, Tiago, D. Neuza. Minha mãe e minha tia, professora Neuza, tiveram a oportunidade da convivência com o seu grande pai, que eu não tive a oportunidade de conhecer, João Régis. E veja como é a vida. Naquela época, homens como Celso, como João Régis, pai de Dona Neuza, já eram desbravadores. Meu avô materno morava numa localidade distante 90 quilômetros de Campo Formoso chamada de São Tomé. E uma das estradas para chegar àquele povoado foi o pai de dona Neusa, o desbravador João Régis, que, naquela época, abriu, com todas as dificuldades. Naquela época, todo mundo sabe que carro era a coisa mais difícil, pouquíssimas pessoas tinham. Eu estava contando, eu não vou me alongar mais, vou ser rapidinho, para mostrar como a vida muda. E hoje, pela manhã, eu falava que meu pai, que teve a honra de estudar nesse colégio. que é a referência, hoje, ainda, em toda a Bahia, Colégio Augusto Galvão, andava semanalmente do município de Mirangaba para São Tomé, onde moravam meus avós, minha mãe, antes de estudar ou nas férias, e depois para a mina de Cabeluda. Simplesmente aí nós temos 300 quilômetros. Meu pai andava numa burra. E esses dias eu me lamentando dentro do avião pequeno, eu ficava olhando a velocidade, perguntando ao comandante: o que é que está acontecendo? O vento está jogando para trás o avião? Esse avião não anda, não? Então, veja como é, meu pai andava 300 quilômetros numa semana em uma burra. E eu, hoje, achando que o avião está andando devagar. Vejam como as coisas mudam, não é meus amigos?

Para acabar – como é a história, Silvinho! –, essa estrada foi aberta, Nilton, naquela época, no machado, na enxada. Eu tive a honra de estar como governador, eu só agradeço a Deus pela oportunidade de ter assumido o governo da Bahia, mesmo que de forma interina, no final de 2021, e tive a honra de, em meu primeiro ato, ir a São

Tomé e autorizar o asfaltamento dessa bela estrada, pela qual, hoje, você vai com toda tranquilidade. (Palmas)

Então, São Tomé, Silvinho, a estrada que João Régis abriu, pode reverenciar essa coincidência, nesse dia. João Régis abriu há décadas e décadas e outro filho de Campo Formoso teve a oportunidade de asfaltar, levando o desenvolvimento e tranquilidade. (Palmas)

Concedo a palavra a Geraldo Brito, ex-estudante do Colégio Augusto Galvão. (Palmas)

O Sr. GERALDO BRITO: Ex.^{mo} Deputado Adolfo Menezes, presidente desta Assembleia, de quem tenho a honra de ser seu conterrâneo e amigo; meus senhores, minhas senhoras, a todos eu saúdo na pessoa de Neuza Régis, minha querida amiga. Estamos aqui para homenagear e participar dessa homenagem que é feita ao nosso amigo Celso Loula Dourado.

Eu tenho o privilégio de ter sido um dos primeiros alunos de Celso. Na década de 50, estudava no Ginásio Augusto Galvão, época em que também estudava o meu saudoso e querido amigo, Pedro Gonzaga, pai do nosso presidente, e chega ao ginásio um jovem impetuoso e competente. Ele tinha completado os seus estudos nos Estados Unidos. E chega um novo pastor à cidade de Campo Formoso. O Celso revolucionou o ginásio com a sua maneira fácil de lidar com os alunos e com a população da cidade. Fez as aproximações entre as religiões. Também assumiu que deveria ser político e foi eleito vereador. Logo tomou uma postura de defender os pobres, de se comunicar com o pessoal do interior, principalmente Socotó, onde havia grupos sociais comprometidos com a pobreza e com as questões políticas. Vim para Salvador na década de 70 e encontrei Celso, agora ambos professores da Universidade Católica do Salvador. Tempo depois nos encontramos já na política, eu pretendendo uma vaga nesta Casa e ele, deputado federal, sempre comprometido com as causas sociais.

Quando se fala, hoje, em democracia se fala da boca para fora. Não o faz com realizações, com postura positiva. Como foi citado aqui pelo professor do 2 de Julho e a outra professora, a postura de Celso era a de lutar pela democracia, de lutar contra questões que nós vemos, aí, que empobrecem o nosso país.

Meu querido Celso, esta medalha que você recebe hoje é uma feliz ideia do deputado Jacó. Parabéns, deputado! Ele merece, porque o Celso tem o desenvolvimento das coisas que este país precisa. Ele tem, na cabeça, as coisas que este país precisa. Mas, infelizmente, o nosso país está numa situação que precisamos, realmente, melhorar.

Estive, também, com Celso, na outorga do título na Câmara Municipal de Salvador. Foi uma festa muito bonita. Muitos daqui estavam presentes lá.

Neuza, quero falar de você. Quando Celso chegou a Campo Formoso, ele, muito sabido, foi namorar logo com a moça mais bonita da cidade. (Risos) Neuza Régis, inteligente, competente. Essa família cresceu muito e tem até bisneto.

Então, meus amigos, fico muito feliz em dar esta minha contribuição e dar estas minhas palavras em prol deste grande homem que muito fez pelo Brasil, aliás, fez e faz, e continua trabalhando, porque é um progressista, é um democrata.

Parabéns, Celso! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Concedo a palavra, para se pronunciar, ao representante dos ex-alunos do Colégio 2 de Julho, o ex-senador Roberto Muniz. (Palmas)

O Sr. ROBERTO MUNIZ: Gente, me perdoem. Bem, eu estou recebendo um abraço de uma pessoa que colaborou com meu mandato. Trata-se de Antonia Goiabeira. Aí, já saúdo todos os funcionários desta Casa. É muita emoção lhe ver de novo. Muito obrigado a vocês por tudo. (Palmas)

Mas, gente, é um prazer muito grande estar hoje aqui.

Gostaria de saudar o nosso amigo, deputado e presidente Adolfo Menezes; o nosso homenageado Celso Loula Dourado. Aproveito para agradecer muito por tudo o que o senhor fez por nós.

Quero iniciar dizendo que a vida é feita de histórias e de histórias. Hoje, mais uma vez, reverendo, fazemos história, história que vivemos juntos e histórias que lembraremos, porque vamos viver uma tarde maravilhosa com muitos que aqui estão.

Quero saudar os nossos professores! Quero pedir desculpas a alguns. Mas quero reverenciar algo que é, muitas vezes, esquecido em nosso país que são os professores. (Palmas) Então, quero saudar a professora Isadora, o nosso professor Fábio, o professor Zilton, o nosso jovem professor Osvaldo, o nosso professor Pissica, todos os colegas aqui. (Palmas)

Quero saudar todos na pessoa de Ricardo Dourado. Para vocês, o Dr. Ricardo Dourado; para nós, simplesmente Cacá. (Palmas) Saudar Rui, Maurício, Zé Luiz, China, Gikson, Zé Raimundo, Vânia, Histock Sérgio, Marcinho, Sandra, Ritinha, Rogério, Raimundo, tantos que estão aqui. São tantos amigos que estão aqui. Gostaria de saudar, óbvio, os familiares do homenageado. Em nome de todos, saúdo a professora Neuza e as suas filhas. (Palmas)

Quero saudar, também, todas as autoridades da Mesa. São tantas as autoridades, mas eu queria destacar Paulo que, hoje, comanda a nossa polícia, que foi também colega do Colégio 2 de Julho (palmas); e Lidivaldo Britto, que lá é chamado de Liu. A gente pode começar a falar assim, Wellington. Saúdo o nosso ex-presidente Geraldo Júnior, saudar todos os que estão aqui, os nossos deputados também. Na pessoa de Josias, saúdo todos os deputados presentes. Saúdo o prefeito Elmo e, também, as demais autoridades presentes.

Gostaria de dizer que a última vez que nos encontramos na Câmara de Vereadores de Salvador foi, também, para homenagear o mais novo soteropolitano, quando foi dado a ele a comenda e o título de cidadão soteropolitano. Lá, naquele momento, eu construí uma visão.

E, aí, quero pedir desculpas a todos que não conheceram o Colégio 2 de Julho, onde o portão do Colégio 2 de Julho, para nós, era um portal multidimensional. No entorno do chafariz, nós conversávamos e alguns namoravam. Nós dizíamos que aquilo

ali era uma pia batismal. Quem tinha de entrar no Colégio 2 de Julho, tinha de se batizar no chafariz. E, lá, Geraldinho, nós tínhamos a casa do Conde dos Arcos. A casa do Conde dos Arcos tinha duas escadas que levavam ao ponto mais alto da nossa escola. No ponto mais alto da nossa escola, reverendo, estava a biblioteca. Para nós, a biblioteca era o ponto mais alto.

Por isso, quero saudar todos dizendo: viva o livro, a educação, as tradições e o conhecimento, reverendo (palmas)!

Hoje, mais uma vez, homenageamos o senhor com a comenda indicada pelo deputado Jacó. Jacó, agradeço a você e a todos os deputados que aprovaram esta comenda, pois ela é uma homenagem que se faz por todos nós. (Palmas) Quero, também, saudar e agradecer aos funcionários e à própria imprensa que está cobrindo hoje, porque vivi, aqui, 8 anos nesta Casa do Povo baiano.

Não há nada mais significativo e emblemático, para todos nós, do que a data 2 de julho. Esta data é o símbolo da liberdade da nossa querida Bahia e do nosso Brasil. Para nós, é sinônimo, também, de emancipação cidadã, pois foi o Colégio 2 de Julho que nos deu régua e compasso. Somos todos filhos da liberdade que conquistamos no Colégio 2 de Julho. (Palmas)

Fomos conduzidos por uma trajetória de vida até o dia de hoje que nos permite perceber a grandiosidade dos ensinamentos que estes mestres, que estão aqui, que se encontram hoje, nos ensinaram. No Colégio 2 de Julho, vivenciamos o aprendizado pela convivência saudável, pelas palavras corretas, pelos vastos ensinamentos, mas, principalmente, pelos exemplos dos próprios atos e das vidas dos nossos professores. (Palmas)

Caros colegas, quem, neste recinto, nestes últimos tempos, não foi convocado para discutir sobre o ambiente social polarizado? Quem não foi? É na família, é no trabalho, nas rodas de amigos. É sempre uma conversa presente no nosso cardápio, no nosso cotidiano.

Hoje, vivemos em constante divisão, em constante embate. Para uns, um determinado ato. E, aí, posso dizer, em nome da maioria do Colégio 2 de Julho, que este ato é sinônimo de agressão; para alguns poucos no Brasil, este ato é sinônimo de “mimimi”. Para uns, é um direito em direção à renda mínima; para outros, é um auxílio transitório, é quase um aluguel transitório da vara de pescar. Para nós, do Colégio 2 de Julho, a gente acredita ser possível dialogar e construir pelo diálogo. Para uns, é dar o peixe; para outros, não é ensinar a pescar, é subordinar, é escravizar.

Chegamos a um ponto extremo de polarização política. Para nós, do Colégio 2 de Julho, só existe uma saída: a saída da democracia. Já outros – muito poucos no Brasil – querem sair da própria democracia.

Mas o nosso hino, o hino dos baianos, por sinal, é o Hino ao Dois de Julho. Ele já nos ensina o seguinte.

*“(...) Nunca mais, nunca mais o despotismo
Regerá, regerá nossas ações
Com tiranos não combinam (...)”*

Brasileiros, brasileiros, baianos, corações! (Palmas)

Aqui, muitos sabem. Pergunto, não por curiosidade, porque sei que há os professores sobre a minha pergunta. Mas sabem qual é a base da democracia? Muitos responderão, de pronto, que a base da democracia é o voto, é o voto soberano, popular e majoritário.

Pois eu vos digo, pela convivência que tivemos no Colégio 2 de Julho, a base da verdadeira democracia é o diálogo. Dialogar é falar, mas também é saber escutar, é respeitar as diferenças e não deixar nunca de lutar contra as desigualdades.

Sabem de onde vem este nosso apreço pela democracia, colegas? O apreço pela democracia vem na fé que temos no diálogo, valor introjetado na nossa alma por meio da nossa vivência escolar. Foi lá, reverendo Celso, que nós bebemos, graças ao senhor e aos nossos professores, a sabedoria de viver em um espaço democrático. O Colégio 2 de Julho impregnou nossas vidas, impregnou nossas almas, impregnou nossas vidas tornando o diálogo uma profissão de fé, o nosso verdadeiro espírito democrático.

Vejamos uma breve parte do currículo do nosso homenageado. Vou me valer do escrito dos jornalistas, como Lucas, filho do nosso amigo Zé Luiz, o nosso chinês.

Ele está com 91 anos de idade – 91 anos de idade –, quase um século a serviço da democracia deste país, uma lenda viva. Celso tem a sua trajetória, além do mandato como deputado federal, o qual tenho a certeza de que quase a maioria desta assembleia teve a honra de depositar o voto no senhor, reverendo Celso, em função do seu trabalho como educador e agricultor.

O senhor, também, estive ao lado dos perseguidos políticos durante a ditadura militar. Isso foi falado por diversos oradores. Também, no período da ditadura, o senhor abriu as portas da instituição da qual era diretor no Colégio 2 de Julho para a realização das comemorações do Dia do Trabalhador e do primeiro congresso da anistia em 1979. Lá, nós estávamos em sala de aula enquanto estávamos aprendendo história; e a nossa escola fazia a história. Não bastam as palavras. Tem de haver atitudes para que as palavras não feneçam. E, assim, é a caminhada do reverendo Celso.

Além da presença constante nos corredores escolares, lembrei da nossa sala, a sua sala, reverendo, de diretor. Era uma sala sempre de portas abertas, repito, sempre de portas abertas! E uma porta aberta quer dizer muita coisa, quer dizer que você é sempre bem-vindo. A porta da sala aberta queria dizer o seguinte: “Eu quero te ouvir, eu quero te escutar.” Uma porta aberta quer dizer que não precisa bater, pois você é bem-vindo. Uma porta aberta quer dizer aos alunos, professores, pais, enfim, a familiares que a sua vida me importa, como diretor. Esse é o exemplo do diálogo. O diálogo de porta aberta e de peito aberto.

Por isso, fizemos todos questão de estar aqui para agradecer-lhe, reverendo Celso, tanto os professores, os alunos, os familiares, todos os amigos, agradecendo a porta aberta e, acima de tudo, o coração sempre aberto para um bom diálogo e grandes orientações.

Quero, também, agradecer a sua tenacidade em busca da longevidade. Noventa e um anos não são para qualquer um, Cacá, e com tanta saúde. A sua vida é exemplo de um verdadeiro democrata, pois, além de nos inspirar, ela, também, nos dá um

presente, nos faz eternamente jovens. Enquanto o senhor existir, seremos, sempre, seus alunos. (Palmas)

Parabéns! Isso é de coração de todos os nossos colegas! (Palmas)

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Concedo a palavra ao desembargador do Tribunal de Justiça da Bahia, Livaldo Britto.

O Sr. LIDIVALDO BRITTO: Bom dia ou boa tarde a todos e a todas.

Eu quero saudar o nosso querido presidente da Assembleia Legislativa, deputado Adolfo Menezes; o proponente desta comenda, deputado Jacó Silva, e a deputada Fátima Nunes, representando as mulheres. Quero saudar, especialmente, o nosso querido mestre e reverendo Celso Dourado e a sua família.

Aproveito o ensejo para agradecer o convite do amigo-irmão Ricardo Dourado. Eu me sinto muito lisonjeado em estar como ex-aluno do saudoso e estimado Colégio 2 de Julho para fazer um pequeno recorte de 1976 a 1978, quando eu, com 14 anos, ingressei ali e vivi os melhores anos da minha juventude.

Eu tenho que me reportar à história do reverendo Celso falando sobre o Colégio 2 de Julho, porque a história do Colégio 2 de Julho se confunde com a história do reverendo Celso.

(Lê) “O Colégio 2 de Julho completará 95 anos no dia 15 de outubro. Fundado em 1927, como Escola Americana, por Irene e Peter Baker, missionários norte-americanos da Igreja Presbiteriana, inicialmente, o colégio funcionou num imóvel localizado na rua João das Botas, no bairro do Canela, nesta cidade, oferecendo o curso primário.

Em 1928, o novo educandário transferiu-se para o Solar do Conde dos Arcos, no bairro do Garcia, onde se situa até hoje. Foi o presidente Getúlio Vargas quem concedeu autorização, no ano de 1943, para o início do curso colegial.

O estabelecimento, desde então, tomou a denominação Colégio 2 de Julho, em homenagem à data magna da Bahia. E, no amplo terreno que circundava o casarão, edificaram-se diversos prédios que abrigaram o primeiro internato misto baiano.”

Aqui, havia poucos colégios com o denominado hoje curso médio. Os colégios católicos predominavam como o Vieira, o Marista, o Salesiano, as Sacramentinas, as Mercês. Esses colégios, eles eram oferecidos ou para meninos ou para meninas. E o Colégio 2 de Julho teve a audácia de implantar um internato misto.

(Lê) “A pedagogia implementada pelo casal Baker era inovadora e inclusiva, sem discriminar qualquer crença religiosa. Isso deve ser ressaltado em tempos tão intolerantes, como nós estamos vivendo.

O ano de 1968 transformou o mundo com o movimento dos jovens franceses, no mês de maio, que, a princípio, buscavam uma educação sem autoritarismo. No Brasil, a rebeldia dos jovens brasileiros contestava o regime militar, instalado com o golpe de 1964, e a edição do AI-5, instrumento do arbítrio e da opressão.

Porém, o ano de 1968 traria, para Salvador, os educadores Celso Loula Dourado e sua amada esposa Neuza, acompanhados de seus quatro pequenos filhos: Mabel, Ricardo, Marília e Eneida. O casal de professores de Campo Formoso foi convidado a integrar o corpo docente do Colégio 2 de Julho e, seguindo a filosofia americana, residir na área do estabelecimento escolar. Depois, nasceriam as crianças Neuzinha e Juliana, que vi no ventre materno.

Sorte dos estudantes baianos, de todos os rincões do estado que, diferentemente dos estudantes franceses, teriam a oportunidade de aprender os melhores e mais importantes princípios que deveriam ser transmitidos, com abertura e diálogo, primando pelo desenvolvimento humano em sua plenitude.

O professor Celso iria trabalhar na orientação educacional do alunato, amenizando a angústia dos que tinham dificuldade em prosseguir na jornada, encorajando e incentivando na árdua caminhada.

Antes mesmo de ingressar no Colégio 2 de Julho, no ano de 1976, já conhecia o seu cotidiano através da minha irmã e dos meus primos que ali me antecederam. Tinha ouvido falar de um reverendo professor que era afável e compreensivo com os alunos, um verdadeiro mestre e conselheiro. No segundo semestre de 1975, preparei-me para o concorrido teste de seleção, logrando êxito, para minha felicidade.

No primeiro dia, recebi a grade com os horários das matérias. E, para a minha surpresa, constava a disciplina religião. Confesso que estranhei, pois, sendo católico, fugi dos colégios religiosos para exercer o livre pensamento.

Na aguardada aula de religião, tive a oportunidade de conhecer o famoso reverendo Celso, como até hoje é carinhosamente chamado o nosso homenageado. Ele foi logo avisando que a frequência era facultativa. Contudo, a grande maioria da turma permaneceu na sala para escutar as suas palavras. Com a voz empostada de líder e orador experiente, alternando a entonação, a seriedade e o sorriso aberto, prendeu a atenção dos presentes, convidando-nos à reflexão sobre o verdadeiro pecado: a exclusão social. A empatia e a confiança nunca mais se apartaram de nós.

No final de 1976, criou-se a Fundação 2 de Julho, ainda existente, mantenedora do colégio, desvinculando-se da Igreja Presbiteriana Americana. E, para a nossa alegria, no ano de 1977, o reverendo Celso assumiu a direção do estabelecimento escolar.

Ainda vivíamos as agruras da ditadura militar. Cada vez mais, os conhecimentos adquiridos no Colégio 2 de Julho iriam contribuir para a politização dos alunos, que expressavam a sua contestação nos festivais intercolégiais de música e teatro. Professores perseguidos, alguns ex-presos políticos, ali encontravam guarida.”

Eu quero saudar, aqui, todos os professores presentes na pessoa da minha querida professora de história, Isadora. (Palmas) Àquela época, com a censura imperando, nós tínhamos acesso às informações através dos nossos professores.

(Lê) “Em abril, o fechamento do Congresso Nacional impactou a todos. Os assassinatos dos opositores, anunciados no horário nobre televisivo, mostravam o lado mais cruel do governo, porque torturavam e censuravam a cultura.”

E, naquele ano de 1977, a Faculdade de Direito da USP apresentou o seu manifesto, ato que está sendo repetido no presente horário, a fim de que o Brasil desperte para a defesa da democracia. (Palmas)

(Lê) “O Colégio 2 de Julho era um *front* de resistência, sob a liderança do reverendo Celso que, à época das eleições, convidava políticos de ambos os partidos (só havia a Arena e o MDB) para exporem as suas ideias e projetos, quando surgiram muitos questionamentos dos alunos, que também participaram das primeiras passeatas estudantis após 1968, duramente reprimidas. A área da Reitoria da Ufba, a rua João das Botas e o Campo Grande foram, muitas vezes, sitiados pela Polícia Militar.”

E o reverendo Celso se prostrava no portão do colégio na hora do ingresso e, também, na hora da saída, a depender das manifestações, preocupado com seus alunos.

(Lê) “Ainda no ano de 1977, o Colégio 2 de Julho comemorou, com emoção, o seu cinquentenário na presença da fundadora Irene Baker, já viúva, vinda dos Estados Unidos, tendo o professor Celso liderado as festividades que comportaram belo desfile pelas ruas do centro e espetáculo artístico no Teatro Castro Alves.

Em 1978, último ano do meu curso colegial, presenciei a capacidade do educador Celso, diante de alguns alunos insurgentes face à mudança do uniforme. Ele não fez uso de sua autoridade de diretor, mas dialogou e convenceu os insatisfeitos. E a farda, até hoje, 44 anos depois, continua identificando os estudantes.

No apagar das luzes daquele ano, no mês de dezembro, quando nos submetíamos às últimas avaliações, objetivando o vestibular para ingresso na universidade, o AI-5, finalmente, foi revogado. Todavia, tínhamos que esperar tempo razoável até a redemocratização do Brasil se concretizar. E o auditório do Colégio 2 de Julho, enfrentando a repressão, sediava diversos encontros em prol da anistia, que viria incompleta em 1979.”

Aqui, eu quero registrar que, no ano de 1984, demonstrando toda a sua tolerância com as demais religiões, o reverendo Celso, publicamente, defendeu o tombamento do Terreiro da Casa Branca, o primeiro terreiro de candomblé a ser tombado no Brasil. (Palmas)

(Lê) “Com a derrocada do regime militar, na gestão do presidente Sarney, convocou-se a Assembleia Nacional Constituinte, tendo o professor Celso Dourado se afastado da direção do Colégio 2 de Julho, em 1985, por uma causa nobre, para se candidatar a deputado federal pelo MDB, trincheira dos opositores, obtendo expressiva votação, fruto da sua dedicação à sociedade, aos seus alunos, aos respectivos genitores que o elegeram e não se decepcionaram com a sua aguerrida atuação, mormente na Comissão de Educação, elaborando a Constituição Cidadã de 1988.

Em 2007, o casal de educadores retornou ao Colégio 2 de Julho, cultivando o ideal do casal pioneiro de missionários, tão bem assimilado por diversas gerações. Posteriormente, os professores Celso e Neuza voltaram para o interior, onde eles começaram nova jornada. Ele passou a exercer o cargo de secretário de Educação do município de Irecê; e ela, do município de João Dourado, em perfeita sintonia, com a mesma energia do tempo pretérito.

Sempre estive por perto desta querida família, principalmente desfrutando da prazerosa amizade de Ricardo Dourado, digno procurador de Justiça, amigo-irmão, companheiro de concurso para ingresso no Ministério Público, instituição honrada que integrei ao longo de 23 anos.

Esta comenda, que traz o nome do nosso estimado colégio, hoje outorgada, traduz o reconhecimento de uma vida dedicada à educação, abarcando os ensinamentos de Anísio Teixeira e Paulo Freire, sem esquecer o aprendizado das primeiras letras através das professoras das escolas da área rural, acessíveis por intermédio do transporte sobre os lombos de animais ou por meio de longas caminhadas, no sacrifício digno dos que têm sede de conhecimento e uma grande missão a cumprir.

Ontem, o querido mestre completou 91 anos muito bem vividos, repletos de recordações, cercado pelo carinho de sua bela família, testemunhando o progresso dos filhos, netos e bisnetos. Seguindo os valorosos passos dos pais, Mabel e Marília são também educadoras. É uma bênção de Deus atingir este patamar lúcido e hígido, ainda encantando inúmeras plateias.

Para nós, seus ex-alunos, ficaram indelévels registros nos corações e nas mentes de admiração, amizade, formação humanística e ética, bem como lições de liberdade, consciência política, solidariedade, responsabilidade social e, sobretudo, de luta incessante em busca da justiça.

Obrigado por tudo, mestre.

Parabéns e vida longa!” (Palmas)

Vida longa! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Concedo a palavra ao presidente da Câmara Municipal e candidato a vice-governador do estado, vereador Geraldo Júnior.

O Sr. GERALDO JÚNIOR: Eu queria desejar um bom-dia especial a Pissica e uma boa tarde especial a tantos amigos e amigas.

Em função, Luiz Humberto, do decorrer da hora, me permitam fazer uma saudação a esta diletta Mesa, na figura deste grande amigo e parceiro, pois ele tem revolucionado a condução da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, sendo motivo de engrandecimento nos diversos estados da Federação. Eu peço uma forte salva de palmas para o presidente, deputado Adolfo Menezes. (Palmas)

Como saudação dessa extensão, também uma saudação especial ao deputado Jacó Lula da Silva, autor e proponente desta resolução, desta comenda, pois a mesma foi aprovada por unanimidade nesta Casa.

Faz-se o registro que esta homenagem é destinada a esta figura simbólica como pastor, como reverendo, como homem público, que é o autor e que é o homenageado.

(Lê) “Deus nunca disse...” Assim me ensinou o Exm.º Sr. Comandante-Geral da Polícia Militar, o orgulho que tenho da Polícia Militar, mas um orgulho mais ainda em ter a Polícia Militar sob a batuta e a condução de V. Ex.ª, coronel e amigo Paulo

Coutinho. V. Ex.^a me ensinou que (lê) ‘Deus nunca disse que a jornada seria fácil, mas ele disse que a chegada valeria a pena.’

Agradeço, de forma comovida, pela oportunidade de participar de mais uma merecida comenda concedida ao professor, pastor presbiteriano, deputado federal, deputado federal constituinte, Celso Loula Dourado, numa bela iniciativa deste irmão Jacó.

Desta vez, a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia reconhece o trabalho evangelizador e altruísta de Dr. Celso, deferindo-o a mais importante honraria deste Poder Legislativo estadual que é a Comenda Dois de Julho, símbolo da verdadeira libertação do Brasil que aconteceu em nossa Bahia, meu amigo Creso, grande empresário, grande ser humano, homem da comunicação que eu tenho honra de ter como amigo.

Celso, carinhosamente chamado pelos amigos, é um ser daquele escolhido por Deus, meu amigo Luís Coutinho, para praticar o bem de forma demasiada. Ainda menino, com seus 90 anos completados no último 10 de junho, continua na batalha, agora mais afastado da cidade grande, mas nunca deixou de socorrer àqueles que mais precisam.

E, aí, ministro Roberto Muniz, você tem uma história nesta Bahia, uma história na Câmara dos Deputados, uma história pela vida do país. Você me deu a alegria de estar, aí, ao seu lado.

Há uma passagem que – abre aspas – diz assim: ‘você não pode ser qualquer coisa que desejar ser, mas pode ser tudo o que Deus quer que você seja.’

Não há nada mais divino do que receber, meu prefeito Elmo Vaz, a missão de ser pastor e evangelizar numa terra cheia de almas desgarradas e que, a todo tempo, precisa de homens como Celso que cumpre seu desiderato com altruísmo e abnegação.

Eu tenho dito. Falei isso com meu amigo Luiz Humberto, ele que foi diretor da Câmara Municipal da Cidade do Salvador. Quando vejo o professor Zilton Rocha, que foi vereador com meu pai, o vereador super Geraldo, em 1992, vejo que tudo isso só é possível quando a gente acredita na palavra de Deus. Ela assim diz: ‘Mas faço-vos saber, faço-vos saber, irmãos, que o evangelho, por mim anunciado, não é o segundo os homens.’, porque, ministro Wellington, você, sempre, orgulhou e orgulha a vida dos baianos como procurador-geral de Justiça deste estado, ‘(...) *porque não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo (...)*’. Isso está em Gálatas 1:11-12.

Além de pastor e outra missão, outra missão, deputado Josias Gomes, foi a de representar o seu povo na política, arte de fazer o bem, de incorporar o desejo e os anseios do seu povo, de se esquecer de si para cuidar da vida dos outros.

Celso, Celso assim iniciou... (...)”

Eu quero fazer um agradecimento. Estou olhando o meu filho, Matheus Ferreira, Bujão. Quero fazer um agradecimento ao Colégio 2 de Julho, aos professores, educadores e educadoras, porque se Matheus está aqui, é porque eu conheci a mãe dele no Colégio 2 de Julho; eu, no Colégio Antônio Vieira. Eu estava com 19 anos; e a sua mãe, com 16 anos.

Peço uma salva de palmas ao Colégio 2 de Julho. (Palmas)

(Lê) “Mas tudo isso iniciou lá, como vereador, em Campo Formoso. (...)”

Vocês sabem que eu estou na mais difícil e honrosa das missões, qual seja, a de representar a Bahia. Vamos fazer, eu e Jerônimo Rodrigues, no próximo dia 1º de janeiro. Comecei como suplente de vereador desta cidade. Estou em meu quarto mandato eletivo; duas vezes como presidente da Câmara de Vereadores, já reconduzido antecipadamente para o terceiro biênio. Mas a honra de representar os 4.494 vereadores da Bahia, com certeza, como vice-governador deste estado.

(Lê) “Celso foi um grande deputado federal. A região, Elmo, de Irecê, Salvador e diversos outros municípios, organizações mundiais e evangélicas e em obras sociais. (...)”

Tem uma frase que se identifica muito com essa passagem. E, aí, eu preciso... Você vê que sempre é a grande maioria, porque a mulher pode estar onde quiser, ir aonde quiser e da forma que quiser. As mulheres, aqui, são maioria. Deputada Fátima Nunes, eu quero fazer uma homenagem a todas as mulheres; e a faço na pessoa de D. Neuza, esposa de Celso. Peço uma salva de palmas para as mulheres. (Palmas)

O coronel Coutinho é um dos grandes mentores e conselheiros da minha vida pessoal e da minha vida política, pastor e diretor. Ele me deu, hoje, pela manhã, uma mensagem de Martin Luther King, pastor protestante e ativista político estadunidense. (Lê) “Diz assim: ‘Cada um de nós deve decidir se quer caminhar na luz do altruísmo construtivo ou nas trevas do egoísmo. Cuidar dos outros é esquecer de si, é uma vocação para poucos.’”

Esta fantástica carreira de Celso, proposta pelo Espírito Santo de Deus, pelos belos frutos, evangelizando sempre e defendendo incondicionalmente o seu povo por onde passou. Sua família, braço forte em todas as suas lutas, uma família formada por grandes mulheres, nunca lhe faltou. A família e os amigos são luzes de nossos caminhos. Não devemos nos preocupar com o futuro. Devemos cuidar do presente e dos que nos querem bem e confiando em Deus e nos seus desígnios.

Assim, cumprimento especialmente – ele imaginou, desembargador Lidivaldo, que eu me havia esquecido dele, mas eu queria fazer uma saudação especial – o meu grande amigo, irmão Ricardo Dourado. Uma salva de palmas para Ricardo. (Palmas) Procurador de justiça da Bahia, filho do homenageado, tem em seu pai – e eu vi ali o orgulho – um espelho de honestidade e de amor ao próximo.

Portanto, aqui deixo, Sr. Presidente – deputado estadual Adolfo Menezes, a Bahia quer V. Ex.^a de volta ao lado de Jacó para a Assembleia Legislativa –, deixo aqui os meus agradecimentos e o meu abraço afetuoso aos amigos, familiares, ao homenageado e a todos os presentes nesta sessão.

Despeço-me aqui com esse lindo provérbio de Isaías, capítulo 41, versículo 10. Vocês devem estar acompanhando pelas redes sociais e pela imprensa a turbulência desses últimos dias, porque está faltando inteligência, porque quando vem a falta de inteligência, vem a covardia, vem a agressão. Quando vem a falta de inteligência... Porque os inteligentes discutem, me ensinou também coronel Coutinho, mas os fracos, os baixos, os baixos de espírito querem guerrear. Fica esta mensagem para eles: “Por

isso não tema, pois estou com você; não tenha medo pois sou o seu Deus. Eu o fortalecerei e eu o ajudarei, eu o segurarei com a minha mão vitoriosa.”

E esta mão – peço vênua ao homenageado – sabe das missões em que estou por este dia, mas não poderia me furtar de aqui estar. Vou a compromisso agora com o próximo governador da Bahia, Jerônimo Rodrigues, mas vim aqui, reverendo, lhe pedir todas as orações para que eu possa no dia 1º de janeiro, ao lado de Jerônimo, governar a Bahia.

Que Deus abençoe todos vocês.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Convido a todos para cantarmos o hino do Colégio 2 de Julho com Juan e Ravena.

A Sr.^a Ravena: Bom dia a todos, bom dia a todas! Esta é uma homenagem ao professor reverendo Celso, Dona Neusa, “pró” Neusa, meus professores queridos. Uma homenagem ao Colégio 2 de Julho, a casa da democracia, uma versão nossa e nova para vocês.

(Procede-se à execução do hino do Colégio 2 de Julho.) (Palmas)

A Sr.^a Ravena: Reverendo Celso e D. Neusa sempre foram os meus conselheiros. Cada conversa com o reverendo e D. Neusa é um aprendizado novo sobre religião, sobre política, sobre cultura, principalmente sobre democracia.

Quero pedir uma salva de palmas para o nosso deputado constituinte. (Palmas) E dizer que, quando o PV, o PP e o PDT nos convidaram a ser candidata a deputada, eu conversei com o reverendo Celso. Ele me aconselhou a concluir os estudos, a ter firmeza, a terminar a faculdade de Direito. Com fé em Deus, em dezembro eu me formo e serei colega de vocês no futuro.

Um beijão, reverendo. Um beijão, D. Neusa, obrigada por tudo. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Já estamos nos momentos finais, peço um pouco de paciência, a sessão foi um pouco longa, mas merecida por opção da família, muitas pessoas estão homenageando este grande homem público. Mas já estamos indo para os momentos finais.

Concedo a palavra à diretora executiva da Cese, reverenda Sônia Mota.

A Sr.^a SÔNIA MOTA: Saúdo a Mesa na pessoa do presidente, Sr. Adolfo Menezes, deputado Adolfo Menezes, e do ilustríssimo deputado Jacó Lula da Silva. Também quero saudar esta grande plateia que está aqui ainda firme na pessoa da queridíssima Neusa Dourado. (Palmas)

Cumprimento todas as pessoas e autoridades aqui presentes que, neste dia, homenagear o nosso querido reverendo Celso Loula Dourado. É com muita honra que ocupo este lugar, este lugar para fazer coro a tantas pessoas que aqui vieram e que aqui permanecem neste dia de festa, neste dia de reconhecimento e neste dia de gratidão. Vejo aqui pessoas do Colégio 2 de Julho, ex-colegas, porque também fui professora no Colégio 2 de Julho na década de 90, vejo aqui a Igreja Presbiteriana Unida, que também teve o privilégio de ter o reverendo Celso como seu pastor. E estou aqui em nome de

colegas meus pastores, também do presbitério do Salvador, que vieram trazer, fazer a homenagem, trazer o abraço ao nosso colega, reverendo Celso.

Quero dizer também que, hoje, sou pastora, mas já estive nos bancos das igrejas no Recôncavo Baiano, porque ele não é só de Irecê e da região de Irecê. Ele passou muito tempo visitando as igrejas do Recôncavo Baiano, eu era adolescente e ficava ali escutando as palavras de sabedoria do reverendo Celso.

Quanto à Cese, sempre ouço a nossa queridíssima Eliana Rolemberg, por quem eu tenho também muita admiração e respeito, ex-diretora da Cese, com quem aprendo todos os dias, ouviu, deputado Jacó? Porque eu sou daquelas que acham que a gente precisa escutar as pessoas que nos antecederam, porque a história a gente não inventa. A gente olha, aprende com ela, segue adiante, pois há muitas pessoas que nos antecederam.

Hoje, lá na Cese... Sabe por que eu estou aqui? Não só porque aprendi com o meu pastor, o reverendo Celso, mas também aprendi com meu querido mestre, reverendo Áureo, sentadinho ali nos olhando, participando desta homenagem.

Também lá na Cese há uma placa, na frente da Cese existe uma placa com o nome dos fundadores. Lá está o nome do reverendo Celso Loula Dourado. E por isso a gente está aqui, porque este é o momento de homenagem e fortalecimento da esperança. É o fortalecimento da nossa esperança, sim, naquela entrada da Cese há o nome dele como o nome de outras lideranças religiosas mostrando que sim, no mundo cristão, existem pessoas, existem lideranças comprometidas com a defesa da democracia e com a defesa dos direitos humanos. (Palmas)

Quando a Cese foi criada, em 1973, está fazendo já 49 anos, em plena Ditadura Militar, tinha a missão de fortalecer grupos e organizações em suas lutas por direitos. O reverendo Celso, juntamente com outras lideranças religiosas de diversas tradições – então nos dava exemplo do diálogo e do respeito, não é tolerância, é respeito entre as religiões –, foi visionário e teve a coragem de fundar a Coordenadoria Ecumênica de Serviço, em plena Ditadura Militar. Isso foi coerência com sua fé cristã, contribuir com uma organização que teria como missão ser um serviço diaconal das igrejas para as populações mais carentes, mais miseráveis, especialmente no Norte e Nordeste do Brasil. Defender direitos humanos sem discriminação social, econômica, religiosa nem racial.

Vejam, isso foi há 49 anos!

Parece que, às vezes, a gente vive em um retrocesso, porque agora nós estamos precisando defender tudo de novo, reverendo! Portanto, ainda precisamos muito de você! (Palmas) Isso mostra sua coerência.

Lembrando uma das suas frases, que foi a que o movimento ecumênico escolheu para colocar no *card* de convite para esta sessão, uma das frases do reverendo cedida pelo nosso querido Ricardo diz assim: “O milagre da fé cristã se concretiza na palavra encarnada, no nosso discipulado, proclamando as boas-novas do Cristo, a justiça e a paz do seu reino.” Essa é uma frase sua e nos inspira. Inspira todos e todas nós, porque é preciso resgatar a memória de pessoas que tanto fizeram e atuaram na defesa dos direitos. É muito importante, especialmente no contexto em que vivemos, em um

contexto de criminalização, de perseguição de defensores e defensoras de direitos, em um contexto de retirada de direitos das pessoas mais empobrecidas e fragilizadas do nosso país. Resgatar e valorizar os feitos de pessoas, pastores protestantes, evangélicos coerentes com a sua fé em tempos de tantas aberrações a que temos assistido e visto e que nos envergonham enquanto presbiterianos, evangélicos e protestantes é, sem dúvida, motivo de alegria.

Em tempos difíceis, nos quais temos visto religiosos dos mais diversos matizes aliarem-se, fazerem coro e aplaudirem lideranças responsáveis por um ambiente de terror e desrespeito aos direitos que tem tomado conta do nosso país, resgatar pessoas coerentes, como o reverendo Celso, é motivo de esperança para nós. (Palmas)

Em tempos de manipulação de textos bíblicos para fomentar discursos de ódio que proliferam nos púlpitos de muitas igrejas, é preciso resgatar exemplos de lideranças que, com suas atuações, não se esqueceram de quem são discípulos e discípulas, não se esqueceram de que são discípulos e discípulas de Jesus de Nazaré, um homem que morreu por ter coragem de denunciar as injustiças da sua época, um homem que bateu de frente com as autoridades políticas, jurídicas e religiosas e que nos ensinou: bem-aventuradas as pessoas que promovem a justiça, o direito e a paz porque delas é o reino de Deus. Esse é o Jesus de Nazaré a quem nós seguimos.

Se estamos diante de um retrocesso religioso, no qual fundamentalismos têm crescido assustadoramente, é necessário resgatar a memória histórica e trazer o envolvimento de lideranças religiosas na defesa de direitos. E o senhor, reverendo Celso, por ter sido deputado constituinte, sabe muito bem a importância de lutarmos para defender nossa Constituição de 88. E não é à toa que hoje, quando o senhor está recebendo esta homenagem, está sendo lançada a Carta às Brasileiras e aos Brasileiros em defesa do estado democrático de direito. (Palmas)

Lembrando a história da Assembleia Nacional Constituinte, este é um dia histórico, além desta homenagem que o senhor está recebendo, é histórico porque desperta em todos e todas nós a necessidade da defesa da nossa democracia.

Estar aqui, reverendo Celso, é fazer coro ao profeta que diz: "quero trazer à memória o que pode me dar esperança". E como nós estamos precisando resgatar a nossa esperança e ter a nossa esperança regada.

Pessoas como o senhor, como Erasmo Braga, como o reverendo João Dias de Araújo, como o reverendo Jaime Wright, como o reverendo Áureo, como Billy Graham, enaltecem o presbiterianismo brasileiro, este presbiterianismo que sempre esteve ao lado das pessoas que lutam e que defendem o direito, a justiça e a paz.

Reverendo Celso, obrigada. Obrigada por regar a minha esperança, obrigada por ter sido meu pastor, obrigada por ter nos honrado na Assembleia Constituinte, obrigada por ter tido a coragem de fundar a Cese, que, com quase 50 anos, continua firme e forte na defesa dos mais pobres, dos mais necessitados deste país. Obrigada por seus longos ensinamentos, por nos ensinar que o milagre da fé se concretiza na palavra encarnada, no nosso discipulado, proclamando as boas-novas de Cristo, de justiça e paz.

Richard Shaull, seu mestre e inspirador, deve estar lá no céu, orgulhoso de sua trajetória.

Vida longa! (Palmas)

(Não revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Concedo a palavra ao representante do Conselho Moderador da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil, reverendo Júnior Amorim.

O Sr. JÚNIOR AMORIM: Boa tarde a todas as pessoas presentes. Gostaria de saudar a Mesa e, em especial, o homenageado de hoje, o reverendo Celso Loula Dourado, é uma imensa alegria para nós da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil rendermos graças a Deus neste dia por sua vida e testemunho.

O pensador André Sponville disse que a fidelidade é uma virtude da memória. E nós estamos celebrando hoje, aqui, esta memória viva deste testemunho que continua servindo de farol para todos nós, não só da Igreja Presbiteriana Unida, mas também para o movimento ecumênico, para o campo da educação e para o campo político.

Então, a sua história, reverendo Celso, é essa memória viva que nos ajuda a sermos fiéis aos nossos princípios de fé e ordem, ao evangelho libertador e da graça encarnada por Jesus. A sua vida e testemunho nos ajudam a recordar que o evangelho não é o evangelho das armas nem do armamentismo, mas é o evangelho da paz desarmada; nos ajuda a recordar que o nosso compromisso de fé precisa ser traduzido também com o nosso compromisso por justiça social; nos faz recordar que a nossa fé não é oposta à ciência, mas dialoga com a ciência e com os diversos campos do saber, o que nos ajudou a, no contexto da pandemia, rejeitar todo discurso de negacionismo e de obscurantismo e sermos a favor das medidas de proteção, das vacinas e tudo mais. O seu testemunho nos ajuda a lembrar que é possível ser protestante evangélico, e ser brasileiro, e ser nordestino. Recordo que, como diretor do Colégio 2 de Julho, em algum momento, o senhor dizia: “Vamos celebrar o São João porque é possível ser protestante e viver a nossa cultura nordestina sem medos e sem amarras.”

Lembrar a sua vida e testemunho nos inspira e nos desafia a continuar colocando a nossa fé cristã em defesa da democracia tão ameaçada e tão esgarçada nesses últimos tempos com tantas contrarreformas como foram a trabalhista, a previdenciária e as tantas movimentações autoritárias que estão insistindo em nos rodear.

Então, rendemos graças a Deus pelo seu testemunho e por sua vida e agradecemos, nos alegramos também porque aqui está um parceiro seu, irmão, amigo de tantas lutas que é o reverendo Áureo Bispo, pastor emérito da nossa Igreja Presbiteriana Unida.

Lembramos também que a fé protestante não precisa ser machista nem misógina, temos aqui a reverenda Sônia Mota, pastora da Igreja Presbiteriana Unida, representando este legado. Legado também que nos ensina que, a partir da Reforma Protestante, a nossa defesa é por um estado laico e a defesa de uma fé cristã que não se deixe instrumentalizar por projetos políticos, sobretudo os que defendem e promovem a morte.

Podemos, com certeza, dizer a seu respeito aquilo que o salmista disse: “O justo brota como palmeira, cresce como cedro do Líbano plantado na casa de Javé, brota nos

átrios do nosso Deus. Mesmo na velhice dará fruto, estará viçoso e frondoso para anunciar que Javé é reto, e que na minha rocha não há injustiça.”

Gostaria de encerrar esta fala convidando os irmãos e irmãs da Igreja Presbiteriana Unida que estão aqui presentes, pediria que se levantassem, por favor, e me ajudassem a cantar o hino da Igreja Presbiteriana Unida. Todos são convidados a ficar de pé. Composta a poesia pelo reverendo João Dias de Araújo, um outro profeta, poeta do Nordeste, parceiro do reverendo Celso Dourado, parceiro do reverendo Áureo Bispo, e que trazemos aqui à memória, porque é preciso trazer à memória aquilo que nos dá esperança e a renova.

(Procede-se ao louvor.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Neste momento, em que estamos finalizando a nossa sessão, convido a professora Neusa, esposa do homenageado, juntamente com seus filhos Ricardo, Mabel, Marília, Neida, Neusa e Juliana para, em nome da Assembleia Legislativa, entregarmos a justa homenagem, a Comenda Dois de Julho, ao pastor Celso Dourado.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

Convido o deputado Jacó e o compositor Fábio Paes para prestarem suas homenagens ao professor Celso Dourado.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

Já estamos, senhoras e senhores, com um pouquinho de paciência, chegando aos momentos finais.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Convido o deputado Jacó e o compositor Fábio Paes a prestarem sua homenagem ao professor Celso Dourado.

Já estamos chegando ao final, senhoras e senhores, um pouquinho de paciência, já estamos nos momentos finais.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. Fábio Paes: Eu fiquei de falar depois que todo mundo falou em nome dos professores do Colégio 2 de Julho, eu quero dar um microdepoimento. Eu comecei a dar aulas no 2 de julho de 1977 exatamente, e fui acolhido por Celso. Eu ministrava aulas de História em um período muito forte da Ditadura Militar. E uma das coisas que mais eu aprendi com Celso... Eu era de esquerda também, porque eu tinha entrado muito novo no Partido Comunista, com 15 anos, saí com 18, e comecei a dar aula com uns 24 anos, mais ou menos, e Celso me deu todo apoio. Eu me lembro até do episódio de um parente daquele coronel do exército Luiz Artur em que ele foi lá reclamar porque eu discuti o Manifesto Comunista na sala de aula. Então Celso disse: “Olhe, chegou um cara reclamando e tudo o mais, mas aqui você tem liberdade de fazê-lo, porque o homem falou: “Há um professor aqui que fica falando do comunismo na sala de aula.” Agora está ali o meu ex-aluno, Coutinho, dando risada.

Isso foi uma coisa interessante. E eu aprendi muito naquele momento, porque era um momento difícil, eram os anos de chumbo, não é? E o palco do Colégio 2 de Julho foi uma coisa extraordinária. Dadá, ex-cangaceira, Elomar, que foi lá e que tinha sido aluno, na homenagem a Glauber Rocha. E Celso sempre com aquela vertente profundamente aberta. Isadora, que não está aqui ainda, minha colega de História. Cadê ela? Eu pensei que você tinha ido embora. O nosso Pissica fazendo cálculos, tudo dele era na matemática. Não podia passar nada. Giltinho na Geografia, com a estatística, e Osvaldinho, que era o garotão mais simpático. Se há mais algum que não esteja aqui hoje, me desculpe. Eu só tive a aprender.

Para terminar, eu vou cantar aqui os parabéns para o aniversário dele e todo mundo vai cantar.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Tenho a satisfação de passar a palavra – estamos finalizando a sessão –, tenho a satisfação de passar a palavra ao nosso homenageado, Celso Loula Dourado. (Palmas)

O Sr. CELSO LOULA DOURADO: Cidadãos, cidadãs do Brasil presentes nessa Assembleia, homens, mulheres que têm consciência da importância de se viver neste chão, eu costumo repetir olhando para as estrelas do Sertão, o luar do Sertão: “Sou o que sou porque sou deste chão”. Sou ligado à terra, colocaram aqui um chapéu de couro na minha cabeça e um jaleco, faltou, naturalmente, o guarda-peito, faltou a perneira e faltou o gibão. E quando eu falo sobre essas coisas, os vaqueiros que estão perto ouvem e dizem o seguinte: “Você foi vaqueiro, é?”. Não, eu fui fã de vaqueiro, eu sou e fui um admirador da figura do vaqueiro, porque toda criança do Sertão, diferente das crianças daqui da praia, do Recôncavo, da Bahia, porque, para nós, do Sertão, aqui era a Bahia, com a sua cultura, com a sua beleza, mas muito diferente da nossa realidade...

Nós, crianças do Sertão, tínhamos como herói o vaqueiro, admirávamos o vaqueiro, e quando o vaqueiro se despedia da nossa casa, eu e meu irmão mais velho, Valdinho, nós éramos pequenos, chorávamos, porque o nosso herói vaqueiro se despedia e ia embora. João Vaqueiro, Moisés Vaqueiro, Mané Doido Vaqueiro... eram esse os nomes que enchiam as nossas mentes, os nossos sonhos de criança no Sertão.

E a gente encarava aquelas figuras e ficava sonhando também em vestir, botar um chapéu de couro, o gibão, a perneira, o guarda-peito, calçar as esporas, montar no cavalo também treinado que Euclides da Cunha descrevia tão bem. Meio que observando a guerra de Canudos, observando o homem da Caatinga, o homem de Canudos, ele dizia: “Onde passa o boi, passa o vaqueiro com o seu cavalo”. A gente tinha medo até de montar no cavalo porque o animal não obedecia mais às rédeas quando ele partia, dentro da Caatinga, atrás do boi, enquanto não levasse o boi para o curral.

A nossa admiração de criança sobre esses heróis da Caatinga, esses heróis do Sertão, que enfrentavam os espinhos, as dificuldades, mas estavam sempre prontos para trazerem o boi bravinho para dentro do curral... E quase todos eles bebiam uma cachacinha. João Vaqueiro, quando bebia cachaça, a gente sabia, “Ele bebeu”, porque

ele vinha cantando, alegre, feliz da vida, cantando, repetindo os nomes das vacas, os nomes dos bois e os trazia para o curral. Era a vitória da batalha do vaqueiro.

Mané Doido, ao contrário, bebia cachaça, fechava a cara, ficava bravo, nervoso, não repetia, não dizia uma só palavra. A gente dizia, comentava: “João Vaqueiro bebeu e Mané Doido também”. E Mané Doido, se entrasse num curral, e o boi bravio não quisesse ceder, dar a sua venta à força bruta do homem, o que ele fazia? Com espora e tudo, ele pulava em cima do cavalo e dizia: “Abra a porteira”, e esporava o boi até que o boi cedesse.

Diante das loucuras da violência humana, lá estava o boi. Eram esses os nossos heróis de crianças do Sertão, era o vaqueiro. Essa é a cultura do sertanejo, diferente dessa cultura “campolivalente” daqui do Recôncavo, cheio de música, de poesia, de beleza. A nossa se expressava, ao máximo, em uma literatura de cordel que falava mais das brigas dos jagunços. E eu ainda tenho na mente, passa na minha mente, aqueles momentos da década de 30, quando a gente sofria tremendamente com medo de que o jagunço pudesse chegar à nossa casa.

(O orador canta: “*Samba, negro, até o dia raiar, já mataram Corisco e balearam Dadá. Se entrega, Corisco! Eu não me entrego, não. Hei de morrer atirando com o meu parabelo na mão*”). (Palmas)

A gente ouvia essas coisas! Essa era a literatura!! (Palmas) Essa era a literatura que chegava diante dos nossos olhos, porque, fora disso, na nossa casa, só tinha a Bíblia. Mas a Bíblia... Sabe o que a Bíblia tem a ver com tudo isso? Eu costumo, como o teólogo, dizer: a Bíblia é um livro 100% humano, todos os sonhos humanos estão lá, todos os desejos humanos estão na Bíblia, todas as traições humanas estão na Bíblia, todas as maldades humanas estão na Bíblia, mas também toda a beleza, toda a leveza dos sonhos, da imaginação, toda a sensualidade do relacionamento, tudo se encontra na Bíblia. Ela é 100% humana, mas 100% divina também. E ela revela uma realidade extraordinária, porque eu fiquei preocupado e falei ali com o presidente Adolfo: “Adolfo, esse povo está exagerando demais, não está? Este culto está virando... estão transformando aqui, a sua Assembleia, num templo da Igreja Presbiteriana, é? Está tipicamente um culto presbiteriano.”

Minha gente, nós, cristãos de tradição reformada, tivemos sempre um sério problema neste país: não tínhamos permissão para construir templos, não tínhamos permissão para trazermos os símbolos da nossa fé para determinado lugar, tudo era proibido porque no Império, na Colônia, havia uma religião oficial. Quando eu cheguei em Campo Formoso, eu encontrei esse espírito, lá em Campo Formoso, em 1958, janeiro de 1958. Fui ordenado pastor lá naquela cidade e descobri cedo que havia uma apologética muito séria entre protestantes e católicos, discussões, apresentações na rádio, discutiam-se as coisas de forma agressiva.

Fui 10 anos pastor em Campo Formoso, saí de lá, comemoramos o Natal em praça pública, o coral daquela reunião era da Igreja Católica, e o pregador da noite de Natal era o pastor Celso Dourado. Porque, meus amigos, a igreja de Jesus Cristo é uma só, minha gente, não há duas, não, ele nem fundou nenhuma igreja, Jesus não fundou nenhuma igreja.

A fé que nós cultivamos tem a ver com tudo isso que eu estou falando da realidade humana deste mundo. Nós temos que reconhecer que a religião é um fenômeno tão extraordinário na vida dos homens e das mulheres que não há como abafar isso, não há como destruir. Muitos sistemas totalitários pretenderam acabar com as religiões. Impossível porque esse é um anseio da alma humana, nós estamos vivendo neste momento, minha gente.

Políticos importantes da minha terra, saibam que o mundo não é só o nosso país, não. Não fiquem descrentes, não. Não reclamem do funcionamento do Legislativo. Não reclamem, atuem fortemente para que ele seja sempre uma realidade, para que o povo perceba a sua importância, porque não há como superar essa realidade. Nós estamos vivendo, neste mundo de hoje, um momento de crise, de conflito do sentido da vida, a humanidade está sedenta.

Os meus amigos comunistas perceberam a minha atuação, lá em Campo Formoso e aqui, e me procuraram, eu disse: “Olha, eu estou sempre pronto a dialogar porque o meu Senhor Jesus Cristo me ensinou isso, que a essa crise ele responde de uma maneira tranquila: ‘Ama o teu próximo como a ti mesmo’”. E São Paulo, que se converteu, percebeu isso de maneira tão clara: quando você tiver de dar explicação da sua fé, dê com respeito, com delicadeza, com amor, porque Deus não tem nome, não tem definição, nem na Bíblia tem uma definição de Deus. A única que eu achei, que é a única que eu acho que existe na Bíblia, é: “Deus é amor”. Só isso tem lá. É um versículo, o primeiro versículo que eu aprendi na minha vida, no meu estudo teológico de criança.

(O orador canta: “*Três palavrinhas só / Eu aprendi de cor / Deus é amor / Tra-lá-lá-lá-lá-lá...*”). (Palmas)

Não me peçam!! Não peçam a esse teólogo uma definição de Deus. Não sei. Agora, a história revela, a realidade nossa revela que Deus é amor.

Eu disse aos meus alunos do Colégio 2 de Julho e aos alunos do Augusto Galvão, olha... “E aí, professor, o que você vai fazer lá na Assembleia?” Eu disse: “Eu vou pregar um longo sermão”. E eu até trouxe a Bíblia, mas outros falaram, pregaram os sermões, e eu cheguei à conclusão de que o melhor era ter essa conversa assim, tranquila, sem compromisso.

Eu sei que o grande teólogo da minha igreja Áureo Bispo dos Santos, que foi especificamente preparado, doutorado nos Estados Unidos para ser professor dos nossos seminários, e ele foi professor por um bom tempo, com uma capacidade didática extraordinária, capacidade pedagógica de professor de Teologia... Pode ser que, no final, ele me chame e diga: “Celso, você andou exagerando com aquelas afirmativas”. Mas não, eu sei que ele pensa da mesma maneira.

Ele tem um livro excelente sobre essa ação do Espírito Santo, *O Espírito Santo Hoje*. Porque Deus está falando a todos os homens, a todas as mulheres, a toda criação, falando no mais profundo dos sentimentos, naquelas realidades que nós não temos como explicar, chamando a atenção para que nós vejamos sem o olhar, sem o órgão do corpo, o olho, este que nós podemos... mas aquele que nós não sabemos explicar muito, algo especial na nossa vida, que acontece, que existe, que não tem explicação.

A minha vida foi inspirada nessa fé. Só fui alfabetizado aos 9 anos de idade porque não havia escola, minha gente! Vocês viram aí a fotografia do Colégio Augusto Galvão, da sua fundação, o governador Otávio Mangabeira presente, Anísio Teixeira, o deputado Basílio, o deputado Fulano de Tal, todos ali para colocar a pedra fundamental.

Não havia escola. Imagine lá no meu Sertão, lá na minha Lagoa de Ademar, isolada física, cultural, social e espiritualmente. É muito difícil, escola não existia. Os pais se reuniam e diziam: “Vamos atrás de uma professora para ensinar esse menino, que ele precisa aprender a ler”. Quando a gente aprendia a ler, os pais olhavam e diziam: “Este dá para estudar, bota para estudar”, como se os outros não fossem inteligentes.

E foi assim que eu fui despachado, num frete a pagar, para São Paulo, inaugurando todo tipo de viagem. Saí montado num jegue, da lagoa, que era a nossa fazenda isolada; depois, a cavalo, até Irecê; a cavalo, até Central; de caminhão, até Xique-Xique.

Descobri, pela primeira vez, o que era ter luz elétrica, porque lá no meio do rio estava um *Barfleur* da navegação mineira chamado Raul Soares. “Toma! Entra na canoa!” E a canoa saía se virando daqui para ali... Eu aprendi a nadar, então eu tenho coragem de vencer esse percurso até chegar lá, porque, se ela virar, eu sei nadar e voltar para terra seca, porque sertanejo sabe firmar as mesas é na terra seca. Pouca chuva, mas muitos sonhos.

Minha mãe, uma mulher de fé extraordinária; meu pai, uma figura de sertanejo que sempre foi o nosso o rumo. Minha mãe dava palmada, mas meu pai era muito mais repressivo do que ela, ele controlava tudo com o olho. Minha mãe era capaz de... quando percebia que as palmadas não eram justas, ela era capaz de dizer: “Meu filho, me perdoe, eu errei”. Fomos criados assim.

Tive de fazer essa longa viagem, realmente passei 12 anos em São Paulo, para voltar. Quando voltei, encarei assim e disse: “Olha, todas as crianças são inteligentes, todas são inteligentes, todas podem estudar, não existe essa história de que esse é que dá para estudar”. Foi assim que eu fui estudar e voltei com esse espírito. E foi assim que eu encontrei a minha namorada, que está bem ali, na minha frente, em uma viagem que eu fazia para Campo Formoso. Cheguei na cidade de Jacobina, e ela estava no trem, também viajando, porque estava promovendo um encontro de jovens na sua cidade. Ela... Nós nos olhamos, mas só ficou na imaginação aquele olhar. Depois de algum tempo como pastor, começamos realmente a namorar e resolvemos...

Aí está o resultado, essa turminha toda aí. (Palmas) Até hoje, somos bons namorados e nos alegramos muito quando conseguimos reunir, assim, os filhos todos: Ricardo, rodeado pelas seis irmãs. Se você contar, são cinco, mas eu estou contando seis porque a primeira, que tinha o nome da quarta... A quarta recebeu o nome dela, é Eneida

Eneida é médica, sabe por que ela é médica? Porque eu e Neuza sofremos demais com a morte da nossa primeira Eneida, só viveu 48 horas, morreu por falta de assistência. Quando Eneida nasceu, Deus me deu uma inspiração, olhei para a menina

e disse: “Que menina bonita, que menina forte, saudável. Minha filha, você vai ser médica, vou me dedicar e você será médica para não permitir que criancinhas morram por falta de assistência, do jeito que sua irmãzinha morreu”. (Palmas) Ela fez Pediatria, é uma médica dedicada.

Vocês viram aí a apresentação de Ricardo; minha filha primeira, Mabel; depois, Marília, as duas são professoras queridas, seguiram o pai e a mãe; Neuzinha é enfermeira; e, assim, vem a nossa caçulinha, que também tem uma filha a quem eu adoro dizer: “Você é minha neta caçulinha, filha da minha filha caçulinha”.

Minha gente, é assim que é a vida, nós vamos aprendendo porque a tragédia humana tem a ver com essa realidade da relação entre eu e o próximo, entre eu e o outro, eu e a pessoa que está à minha frente. Assim é na família, assim é na escola, assim é na política, e eu gosto.

Eu comecei a minha palavra aqui saudando vocês todos como cidadãos e cidadãs, todos políticos, e bons políticos. E estejam certos, pais e mães, mostrem que, se o seu filho for chamado para a política, para atender a essa vocação sublime que é a política, porque a política é uma vocação sublime... Olhem, o meu ex-aluno está ali reconhecendo. Vereador. É ou não é? Vocação de Deus, Deus chama para servir, o nosso povo brasileiro interpreta isso de uma maneira muito interessante. Quem não vive para servir não serve para viver. (Palmas)

Por isso que a política é de Deus, minha gente, porque Deus quer que você sirva ao outro, e Jesus resumiu toda essa problemática da crise humana com a palavra, uma síntese extraordinária: “*Ama o teu próximo como a ti mesmo*”, sem preconceito. Este país pode dar uma contribuição extraordinária como resposta à crise que está atingindo o mundo todo, vencer preconceitos. Racismo? Por que racismo? Problemas de disputa religiosa, guerra religiosa, por que isso? Não existe. Ama o teu próximo como a ti mesmo (Palmas)

Que nós todos possamos nos inspirar neste momento difícil que estamos vivendo. Depois de 2 anos de pandemia, a escola sofreu demais, eu costumo... Não é porque sou professor, pastor, político, é porque foi mesmo a escola que pagou o preço maior. Minha gente, os médicos, as médicas, muitos morreram, deram as vidas para salvar os seus pacientes, mas não foi a Saúde a mais prejudicada, a mais prejudicada foi a escola, porque a escola se fechou. E, nessa hora, nós quase que precisamos voltar àquela realidade da década de 30. É preciso, de novo, abrir escolas; é preciso, de novo, criar colégios; é preciso, de novo, estimular e motivar as crianças a amarem a escola.

Eu digo a meu neto, um dos meus netos queridos, não vou citar o nome, “Você gosta muito da escola”, ele diz: “Eu não, vô, eu não gosto de escola, não”. Mas eu sei que ele gosta demais da escola, porque toda criança gosta do encontro, da beleza do encontro escolar, da brincadeira, da aprendizagem. É assim que nós temos que viver, minha gente.

Agradeço ao presidente da Assembleia, Adolfo Menezes. Eu tenho aqui, Adolfo, a relação de todos vocês para fazer uma saudação especial, mas você e o deputado Jacó... Eu fui pesquisar a vida de Jacó, não tem nada, “Jacó” é o nome que ele escolheu para servir de orientação à sua vocação especial de político: “Jacó Luiz da Silva...”,

“Jacó Inácio...” Eu nem sei se ele completou: “Jacó Inácio Luiz da Silva”. Não sei, mas eu pesquisei o nome dele. Ele nasceu mesmo foi em Jacobina, e o nome dele, na realidade, é Augusto Neto, Augusto de Almeida Neto, mas tem um nome parlamentar. Eu sou Celso Loula Dourado, mas meu nome parlamentar é Celso Dourado, todos me conhecem lá assim.

Então, Jacó e Adolfo, meus parabéns, porque vocês atenderam a esse chamado, e eu saúdo todos, é a palavra dessa turma. Vocês estão admirados: “Esse cara tem 90 anos mesmo?” Numa hora, um diz que eu nasci em 10 de junho; noutra hora, um diz que eu nasci em 10 agosto; um diz que foi em 1931; outro diz que foi em 1932. Eu vou dizer o quê? Qual é o problema? É que, naquela época, essa questão do tempo não era assim, não. Os filhos nasciam, e o pai dizia... passavam-se um 1 mês, 2 meses, 3 meses, 1 ano às vezes, e o pai ia registrar a criança. Chegava lá, não tinha levado... “Não, acho que esse menino nasceu em tal época”.

Então, até hoje, há essa polêmica. Na realidade, eu sigo a orientação do pai e da mãe, nasci em 1931, no dia 10 de agosto, mas estou registrado no dia 10 de junho de 1932, 10 meses de diferença. Só isso, isso é quase nada! Isso é quase nada. Porque era assim, era essa a realidade, porque um grande número de cidadãos, de crianças deste país, nem eram registrados. Até hoje, ainda há muitos... Não sei... eu não sei se eu vou exagerar ao dizer que ainda há milhões sem nome.

Eu sei que, numa campanha política, eu cheguei num povoado e vi uma criança, o chefe lhe dizendo: “Menino, vai à casa de fulano de tal, diga que o deputado está aqui.” E eu gostei da criança, de uma rapidez tremenda, quando ela voltava, eu disse: “Oh! filho, me diz uma coisa, como é seu nome?” Eu queria estabelecer um diálogo com ele, e ele disse: “Não, eu não tenho nome, todos aqui me chamam de ‘ninguém’”. “Como?”. E ele disse: “Não! É porque eu não tenho nome, nem eu nem meu irmão.”

Eu chamei o chefe político, que era uma pessoa admirável, e disse: “Fulano, me diga uma coisa, ele disse que não tem nome”. E aí ele me contou a tragédia: os pais os abandonaram, foram embora para São Paulo, as crianças ficaram na rua e nunca adquiriram nome. Eu disse: “Fulano, a gente não pode aceitar isso. Nunca foram à escola?”. E ele respondeu: “Não, nunca foram à escola.” Pois então, deixei lá a recomendação: “Na próxima vez, eu vou cobrar, eu quero esses meninos com a certidão de nascimento, matriculados na escola e estudando. A um deles você dá o nome de Valdir, meu companheiro de luta Valdir Pires, (Palmas) e ao outro você dá o nome de Inácio Luiz”. Eu já me considerava eleitor de Lula.

Quando eu voltei, mais tarde, cheguei, ele disse: “Celso, os meninos já estão matriculados, já têm nome, já têm certidão de idade.” Eu disse: “Ótimo, parabéns! E como é que você fez?”. Ele respondeu: “Em um, eu coloquei ‘Valdir’; em outro, eu coloquei ‘Celso’”. Eu perguntei: “Mas estão matriculados, estão estudando?” Ele falou: “Estão! Estão estudando.”

Mas, minha gente, eu estou contando isso porque, aqui em Salvador, na década de 70, em pleno período da ditadura militar, eu fiz oposição durante 21 anos, e cheguei a dizer que a ditadura comeu 21 anos da minha luta política. Mas os militares fizeram muitas coisas importantes também, e uma delas, sabe o que foi? Decidiram aposentar

todos os idosos. Na minha igreja lá do bairro sertanejo, na Rua Valério e Silva, a maioria era de velhinhos e velhinhas. E aposentamos todos. Sabem qual foi a maior dificuldade? Ninguém tinha nome. Era o nome Zé Fulano de Tal, coisa e tal... E cadê a certidão? Não tinham certidão. Foi uma luta tremenda para construir a documentação.

Aposentamos todos da igreja, mas, como meu conceito de pastorado – eu sou pastor – é a necessidade, partimos para a cidade e aposentamos mais de 400. Para construir a certidão, porque era gente velha, já de 80 anos, trabalhou a vida inteira, mas não podia provar que existia neste país...

Perguntei: “Oh! meu irmão, me diga uma coisa, você sabe onde você foi batizado?” Respondeu: “Na Igreja Católica de Santo Amaro”. Eu disse: “Vamos correr para lá!” Pegávamos um certificado de batismo e, a partir do certificado de batismo, nós conseguíamos tirar toda documentação, e assim aposentamos muita gente.

Eu estou repartindo isso tudo porque a crise que se abate sobre o nosso país e sobre o mundo de hoje se resolve assim, com amor em relação ao próximo, ao cidadão e à cidadã com quem a gente conversa. Todos somos cidadãos, a Constituição garante isso a todos.

Obrigado, um abraço e minha saudação a toda essa gente. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Em nome da Assembleia Legislativa da Bahia, agradeço a presença de todas as autoridades civis, militares, amigos e familiares do homenageado. Que Deus proteja todos nós.

Declaro encerrada a presente de sessão.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.